

# **Técnicas de suavização aplicadas à caracterização de fontes sísmicas e à análise probabilística de ameaça sísmica**

Marlon Pirchiner

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À  
ESCOLA DE MATEMÁTICA APLICADA DA  
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS-RJ  
PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE  
MESTRE EM CIÊNCIAS

Programa: Modelagem Matemática de Informação

Orientador: Prof. Dr. Vincent Guigues

Coorientador: Prof. Dr. Stephane Drouet

Rio de Janeiro, maio de 2014

# **Técnicas de suavização aplicadas à caracterização de fontes sísmicas e à análise probabilistica de ameaça sísmica**

Esta é a versão original da dissertação elaborada pelo  
candidato Marlon Pirchiner, tal como  
submetida à Comissão Julgadora.

# Agradecimentos

A todos do Grupo de Sismologia (e também a todo pessoal) do Instituto de Astronomia Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da Universidade de São Paulo (USP) por todo apoio e suporte de sempre e durante o tempo em que estive entre o curso de mestrado e o trabalho.

Aos companheiros e professores pelas conversas e discussões ao longo do curso.

Aos meus amigos e familiares pela benevolência de sempre.



# Resumo

PIRCHINER, M. **Técnicas de suavização aplicadas à caracterização de fontes sísmicas e à análise probabilística de ameaça sísmica.** 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Matemática Aplicada, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014.

Elemento obrigatório, constituído de uma sequência de frases concisas e objetivas, em forma de texto. Deve apresentar os objetivos, métodos empregados, resultados e conclusões. O resumo deve ser redigido em parágrafo único, conter no máximo 500 palavras e ser seguido dos termos representativos do conteúdo do trabalho (palavras-chave).

**Palavras-chave:** smoothing, zoneless, seismic hazard, earthquake engineering.



# Abstract

PIRCHINER, M. **Long-term non-parametric probabilistic seismic hazard analysis for Brazil.** 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Matemática Aplicada, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014.

Elemento obrigatório, elaborado com as mesmas características do resumo em língua portuguesa. De acordo com o Regimento da Pós- Graduação da USP (Artigo 99), deve ser redigido em inglês para fins de divulgação.

**Keywords:** keyword1, keyword2, keyword3.



# Sumário

<b>Lista de Abreviaturas</b>	<b>xi</b>
<b>Lista de Símbolos</b>	<b>xiii</b>
<b>Lista de Figuras</b>	<b>xv</b>
<b>Lista de Tabelas</b>	<b>xvii</b>
<b>1 Introdução</b>	<b>1</b>
1.1 Considerações Preliminares . . . . .	2
1.2 Objetivos . . . . .	2
1.3 Contribuições . . . . .	2
1.4 Organização do Trabalho . . . . .	2
<b>2 Conceitos</b>	<b>3</b>
2.1 Tectônica . . . . .	3
2.1.1 Teoria tectônica das placas . . . . .	4
2.1.2 Sismotectônica . . . . .	5
2.2 Probabilidade . . . . .	6
2.2.1 Função de densidade de probabilidade . . . . .	6
2.2.2 Função de massa de probabilidade . . . . .	6
2.2.3 Histograma . . . . .	6
2.2.4 Processo de Poisson . . . . .	7
2.3 Sismicidade . . . . .	7
2.3.1 Ocorrência . . . . .	8
2.3.2 Magnitude (da ruptura) . . . . .	8
2.3.3 Catálogos . . . . .	10
2.3.4 Distribuição de Frequência e Magnitude . . . . .	11
2.3.5 Valor-b . . . . .	13
2.3.6 Taxa de Sismicidade . . . . .	14
2.3.7 Valor-a . . . . .	14
2.3.8 Magnitude de Completude . . . . .	14
2.4 Risco Sísmico . . . . .	15

2.5	Ameaça Sísmica . . . . .	15
2.5.1	Projeção da Ocorrência de Rupturas . . . . .	16
2.6	Análise Probabilística de Ameaça Sísmica . . . . .	16
2.6.1	Identificação das fontes sísmicas . . . . .	17
2.6.2	Caracterização da Distribuição de Frequência e Magnitude (MFD) . .	18
2.6.3	Caracterização da Distribuição de Distâncias . . . . .	18
2.6.4	Predição do Movimento do Chão . . . . .	18
2.6.5	Combinação de Incertezas e Avaliação da Ameaça Sísmica . . . . .	18
<b>3</b>	<b>Região de Estudo</b>	<b>19</b>
3.1	Contexto Geológico e Tectônico Sul-Americanoo . . . . .	19
3.1.1	Sismicidade Sul Americana . . . . .	21
3.2	Contexto Geológico e Tectônico Brasileiro . . . . .	22
3.3	Sismicidade do Brasil . . . . .	23
3.3.1	Sul, Sudeste e Litoral Leste . . . . .	24
3.3.2	Centro-Norte . . . . .	24
3.3.3	Mato-Grosso . . . . .	25
3.3.4	Extremo Oeste e Acre . . . . .	26
3.3.5	Amazonas . . . . .	27
3.3.6	Nordeste . . . . .	28
<b>4</b>	<b>Contexto Teórico</b>	<b>31</b>
4.1	Apresentação . . . . .	31
4.2	Técnicas de suavização . . . . .	31
4.2.1	Histograma 2D: uma possível função de densidade de probabilidade para a taxa de sismicidade . . . . .	31
4.2.2	Régressão e Suavizadores . . . . .	31
4.2.3	Função de Núcleo e Estimadores de Naradaya-Watson . . . . .	32
4.2.4	Formas das funções de núcleo . . . . .	32
4.2.5	Contribuição de uma função de núcleo bidimensional . . . . .	32
4.3	Frankel, 1995 . . . . .	33
4.4	Woo, 1996 . . . . .	33
4.5	Helmstetter, 2012 . . . . .	34
4.5.1	Taxa de sismicidade . . . . .	34
4.5.2	Método acoplado dos vizinhos mais próximos . . . . .	35
4.5.3	Taxa de sismicidade estacionária . . . . .	35
4.5.4	Verossimilhança . . . . .	35
4.5.5	Ganho . . . . .	36
4.5.6	Testes . . . . .	37

<b>5 Metodologia e Processamento</b>	<b>39</b>
5.1 Conjunto de Dados . . . . .	39
5.1.1 Catálogo ISC-GEM . . . . .	39
5.1.2 Boletim Sísmico Brasileiro . . . . .	39
5.2 Ferramentas . . . . .	39
5.2.1 Linguagens de Programação . . . . .	40
5.2.2 Programas de Computador . . . . .	40
5.2.3 Bibliotecas de Funções . . . . .	41
5.2.4 Implementações e Novos Códigos . . . . .	41
5.3 Pré-Processamento . . . . .	41
5.3.1 Controle de Qualidade . . . . .	41
5.3.2 Remoção de agrupamentos . . . . .	42
5.3.3 Conversão de Magnitudes . . . . .	42
5.3.4 Análise da Magnitude de Completude . . . . .	43
5.4 Frankel, 1995 . . . . .	43
5.5 Woo, 1996 . . . . .	43
5.6 Helmstetter, 2012 . . . . .	44
5.7 Pós-Processamento . . . . .	44
5.7.1 Análise Probabilística de Ameaça Sísmica . . . . .	44
5.7.2 Cálculo da Desagregação . . . . .	44
<b>6 Resultados</b>	<b>45</b>
6.1 Resultados Anteriores . . . . .	45
6.1.1 GSHAP . . . . .	45
6.1.2 Zoneamento Sísmico . . . . .	45
6.2 Suavização da Sismicidade . . . . .	45
6.2.1 Frankel, 1995 . . . . .	47
6.2.2 Woo, 1996 . . . . .	47
6.2.3 Helmstetter, 2012 . . . . .	48
<b>7 Conclusões</b>	<b>51</b>
7.1 Considerações Finais . . . . .	51
7.2 Sugestões para Pesquisas Futuras . . . . .	51
<b>A Sequências</b>	<b>53</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>55</b>
<b>Glossário</b>	<b>57</b>
<b>Índice Remissivo</b>	<b>59</b>



# Listas de Abreviaturas

**DSHA** Análise Determinística de Ameaça Sísmica. 13, 14

**GR** Gutenberg-Richter. 10

**MFD** Distribuição de Frequência e Magnitude. 9, 12, 16, 39

**PSHA** Análise Probabilística de Ameaça Sísmica. 13–15, 19, 39



# Lista de Símbolos

$M_c(\mathbf{r}, t)$  magnitude de completude na localização  $\mathbf{r}$ , e no instante  $t$ . 20

$w_i$  peso associado ao tremor  $i$ . 20

$A$  área afetada. 7

$G$  ganho de probabilidade por cada tremor no catálogo-alvo sobre um modelo espacialmente uniforme de Poisson.. 20

$K_1\left(\frac{t-t_i}{h_i}\right)$  kernel na dimensão do tempo, onde  $t_i$  é a localização temporal do tremor  $i$  e  $h_i$  é a largura de banda temporal para o tremor  $i$ . 20

$L_u$  máxima verossimilhança de um modelo uniforme. 20, 21

$L$  log da máxima verossimilhança. 20

$M_0$  momento sísmico. 7

$M_W$  magnitude de momento sísmico. 7

$M_d$  valor mínimo de magnitude no catálogo. 20

$N(m, m + dm)$  número de eventos com magnitude entre  $m$  e  $m + dm$ . 9–11

$N_p(i_x, i_y)$  taxa de sismicidade de longo-prazo. xii, 20

$N_t$  número de eventos no catálogo-alvo. 20

$R(\mathbf{r}, t)$  taxa de sismicidade na localização  $\mathbf{r}$ , e no instante  $t$ . 20

$R_{min}$  mínima taxa de sismicidade. 20

$\beta_p$   $\beta_p = \frac{2}{3}b$ , é o beta da distribuição de Pareto. 11

$\mathbf{r}_i$  localização espacial do tremor  $i$ . 20

$\mathbf{r}$  lugar no espaço. xi, 6, 20

$\hat{A}$  amplitude no sismômetro Wood-Anderson. 7

$\hat{d}$  distância de 100 km do tremor. 7

$\lambda$  taxa de ocorrência. 12

$\mu_{rig}$  coeficiente de rigidez da rocha. 7

$\tilde{D}$  deslocamento médio. 7

$a_{cnn}$  acoplamento espaço-temporal. 20

$a$  valor-a (corresponde à um índice de produtividade). 9, 10

$b$  valor-b (corresponde à proporção de sismos pequenos e grandes, geralmente em torno de 1). xi, 9–11, 20

$d_i$  largura de banda espacial do tremor  $i$ . 20

$d_k$   $\max\{d_j\}, j = 1..k_{cnn}$ . 20

$h_i$  largura de banda temporal do tremor  $i$ . xi, 20

$h_k$   $\max\{h_j\}, j = 1..k_{cnn}$ . 20

$k_{cnn}$   $k^{th}$  vizinho mais próximo. 20

$m_{corner}$  valor de magnitude responsável por controlar o decaimento da Kagan-MFD. 11

$m$  magnitude. 6, 9, 10

$n(i_x, i_y)$  número de eventos em  $(i_x, i_y)$ . 20, 21

$p(N_p, n)$  probabilidade de se observar  $n$  eventos com probabilidade . 20

$t_i$  localização temporal do tremor  $i$ . xi, 20

$t$  tempo. xi, 6, 7, 20

**km** kilometros. 4, 37

# Listas de Figuras

2.1	Mapa Mundial de Epicentros 1963-1998 . . . . .	3
2.2	Cartografia das placas litosféricas . . . . .	4
2.3	Diferentes tipos de interações entre placas litosféricas em suas bordas . . . . .	5
2.4	Sismos com magnitude acima de 9,0. . . . .	7
2.5	Ilustração da área de ruptura em um falhamento geológico . . . . .	8
2.6	Distribuições de frequência e magnitude . . . . .	13
2.7	Distribuição incremental e cumulativa de frequencia e magnitude dos sismos presentes no catálogo ISC-GEM para a América do Sul unido com o BSB2013	14
3.1	Placa Sul-Americana em seu contexto global . . . . .	19
3.2	Mapa geológico da América do Sul . . . . .	20
3.3	Sismicidade da América do Sul, Catálogo ISC-GEM REFERENCIA . A geologia ao fundo é fonte do CGWM via OneGeology. Sismos mais profundos foram registrados no interior da placa, inclusive sobre o Acre. . . . .	21
3.4	Mapa Geológico do Brasil em escala 1:1.000.000. Fonte REFERENCIA . . . . .	22
3.5	Sismicidade do Brasil. Catálogo BSB-2013.08 . . . . .	23
3.6	Zona sísmica do SE. Dourado . . . . .	24
3.7	Zona sísmica do Centro-Norte. Dourado . . . . .	25
3.8	Zona sísmica do Centro-Norte. Dourado . . . . .	26
3.9	Zona sísmica do Acre. Dourado . . . . .	27
3.10	Zona sísmica de Manaus. Dourado . . . . .	28
3.11	Zona sísmica do NE. Dourado . . . . .	29
5.1	Ecossistema de módulos, bibliotecas e utilitários do OpenQuake . . . . .	40
5.2	Histogramas da Profundidade (em Km) dos Tremores . . . . .	42
5.3	Ajuste da largura de banda para o método de Woo1996 . . . . .	43
6.1	Seismic Rate: $a(m > M_{min} = 0)$ [Dourado, 2014, Crisis-2007] . . . . .	46
6.2	Seismic Hazard: PGA(poe 0.1, 50y)[Dourado, 20014] OpenQuake-Engine . . . . .	46
6.3	Seismic Rate: $a(m > M_{min} = 0)$ [Frankel, 1995] . . . . .	47
6.4	Seismic Hazard: PGA(poe 0.1, 50y)[Frankel, 1995] . . . . .	48
6.5	Seismic Rate: $a(m > M_{min} = 0)$ [Woo, 1996] . . . . .	49

6.6 Seismic Hazard: PGA(poe 0.1, 50y)[Woo, 1996]	49
6.7 Seismic Rate: $a(m > M_{min} = 0)$ [Helmstetter, 2012]	50
6.8 Seismic Hazard: PGA(poe 0.1, 50y)[Helmstetter2012]	50

# **Lista de Tabelas**

2.1 Escala simplificada de intensidade sísmica, modificada em 1956 a partir da escala original de Giuseppe Mercalli de 1902 . . . . .	10
A.1 Exemplo de tabela. . . . .	54



# Capítulo 1

## Introdução

Um elemento primordial na análise de *risco* sísmico é a análise da *ameaça* sísmica, onde a identificação e caracterização das fontes sismogênicas (causadoras de movimento do chão, fundamentalmente tremores de terra) é a primeira das etapas.

Considera-se nessa fase, principalmente as falhas geológicas, o acúmulo de tensão medido através o movimento relativo da crosta terrestre, a neotecnônica da crosta, o possível acoplamento entre placas, os tremores (falhamentos) já registrados anteriormente, enfim, todo conhecimento geológico disponível, para caracterizar (a) a geometria espacial da feição geológica e provável fonte sísmica e (b) o número de ocorrência - taxa - dos tremores conforme a proporção em energia liberada - magnitude.

No Brasil, onde a ocorrência de tremores não é desprezível mas menor que a de outras partes do planeta, o processo de identificação das fontes sísmicas é executado geralmente através da opinião de especialistas que fazem o zoneamento sísmico segundo as informações técnicas e a experiência que dispõem.

Para cada uma dessas zonas sísmicas, que serão consideradas como tendo atividade sísmica uniforme, é calculada a distribuição da ocorrência de tremores em função da magnitude de cada tremor (e normalizada pela área?!).

Existem entretanto diversas propostas metodológicas envolvendo a suavização através de estimativas da taxa de sismicidade por funções de núcleo, entre outras, a de Frankel (1995), a de Woo (1996) e a de Helmstetter e Werner (2012) abordadas, aqui, com maior detalhe.

O que todas elas possuem em comum é o objetivo de caracterizar a taxa de sismicidade (ocorrência de tremores) em uma malha sobre a região de interesse através da soma da contribuição de funções de núcleo - gaussianas, leis de potência, entre outros - em cada nó dessa malha. O pressuposto central dessa idéia é que os sismos (principalmente os grandes, com menor evidência, pois aconteram menos fenômenos observáveis desse tipo) tendem a ocorrer no entorno de onde já ocorreram antes outros tremores (menores e mais frequentes).

Fundamentalmente, o que os diferencia é a forma de escolher a largura dessas funções de núcleo associadas à cada tremor do catálogo.

O que se pretende aqui é observar um pouco mais detalhadamente o comportamento desses diferentes métodos num ambiente com baixa e esparsa sismicidade.

Perifericamente, aproveitou-se a oportunidade para avaliar um recente conjunto de programas de computador disponibilizado com código livre voltado à esse segmento.

Modos de citação:

indesejável: (Andrew e Foster, 1983) introduziram o algoritmo ótimo.

certo : Andrew e Foster introduziram o algoritmo ótimo (Andrew e Foster, 1983).

## 1.1 Considerações Preliminares

Considerações preliminares. Texto texto.

## 1.2 Objetivos

O principal objetivo desenvolvido ao longo desse trabalho é avaliar a aplicabilidade das técnicas suavização (das antigas às mais recentes) para a caracterização da ocorrência de sismos no Brasil.

Secundariamente, aproveita-se a oportunidade para testar o uso de um conjunto recente de programas de computador disponível livremente, o *OpenQuake*.

## 1.3 Contribuições

As principais contribuições deste trabalho são:

- Dispôr sobre métodos alternativos para a caracterização de fontes sismogênicas, a primeira das etapas da análise probabilística de risco sísmico.
- Compreender parte o *OpenQuake*, um conjunto de programas de computador desenvolvido recentemente e oferecido com código livre pela Fundação GEM<sup>1</sup>.
- Implementar parte dos métodos utilizados no contexto do *OpenQuake*, ampliando os recursos oferecidos e deixando-os disponíveis para uso futuro de forma integrada.

## 1.4 Organização do Trabalho

No Capítulo 2, apresentamos os conceitos ... Finalmente, no Capítulo 7 discutimos algumas conclusões obtidas neste trabalho. Analisamos as vantagens e desvantagens do método proposto ...

As sequências testadas no trabalho estão disponíveis no Apêndice A.

---

<sup>1</sup>Global Earthquake Modeling, Pavia, Italia.

# Capítulo 2

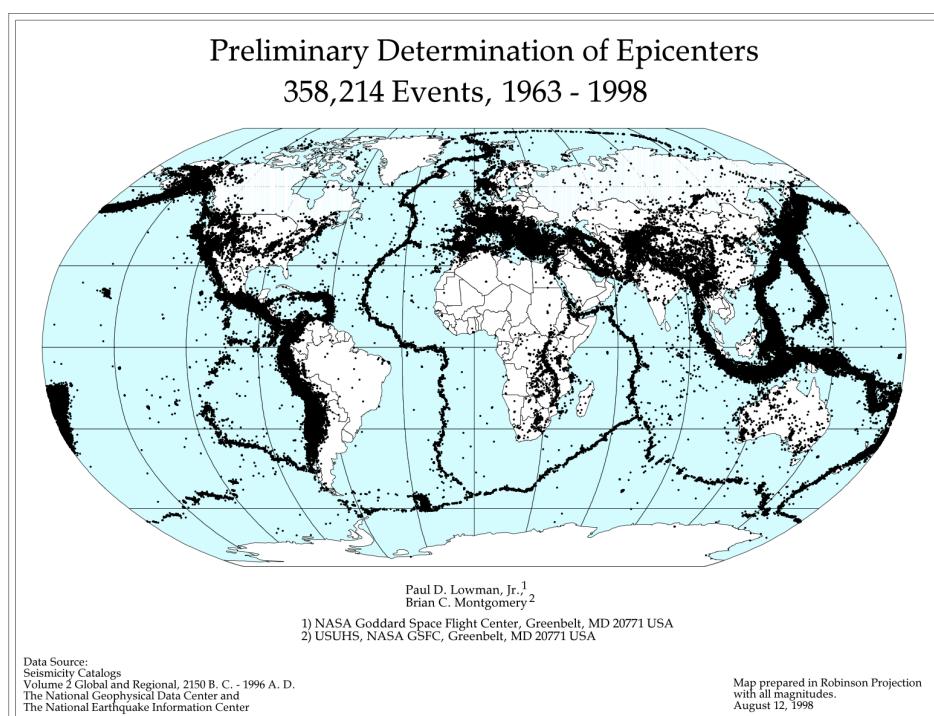
## Conceitos

Este capítulo apresenta, um a um, os conceitos mais elementares, e tenta harmonizar a terminologia empregada no decorrer do texto.

### 2.1 Tectônica

A **tectônica** é disciplina científica focada nos processos responsáveis pela criação e transformação das estruturas geológicas da Terra e de outros planetas..

Uma das principais evidências das transformações geológicas do planeta são os **terremotos**. A figura 2.1 ([Lowman Jr. e Montgomery, 1998](#)) é um mapa global com a ocorrência geográfica dos tremores. Nele é possível notar que os sismos não são distribuídos uniformemente pelo globo.



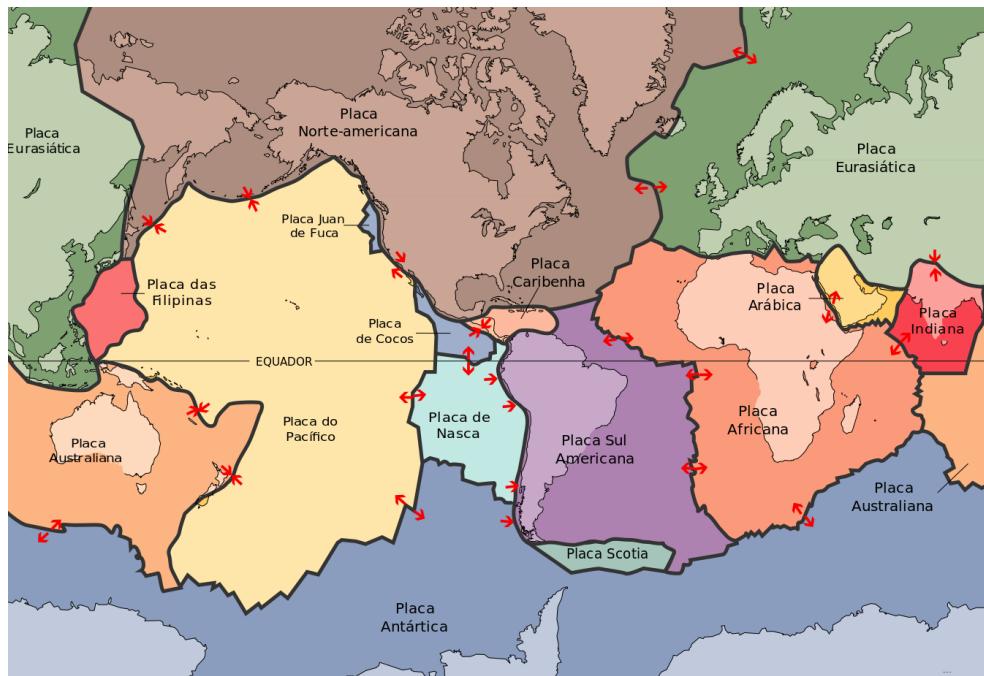
**Figura 2.1:** Mapa Mundial de Epicentros 1963-1998<sup>1</sup>

<sup>1</sup>[Lowman Jr. e Montgomery \(1998\)](#)

O padrão apresentado pela **atividade sísmica** global foi essencial para o desenvolvimento posterior da teoria tectônica das placas.

### 2.1.1 Teoria tectônica das placas

A teoria tectônica das placas, desenvolvida na segunda metade do século XX, cartografava na superfície do globo as **placas litosféricas**.



**Figura 2.2:** Cartografia das placas litosféricas<sup>2</sup>

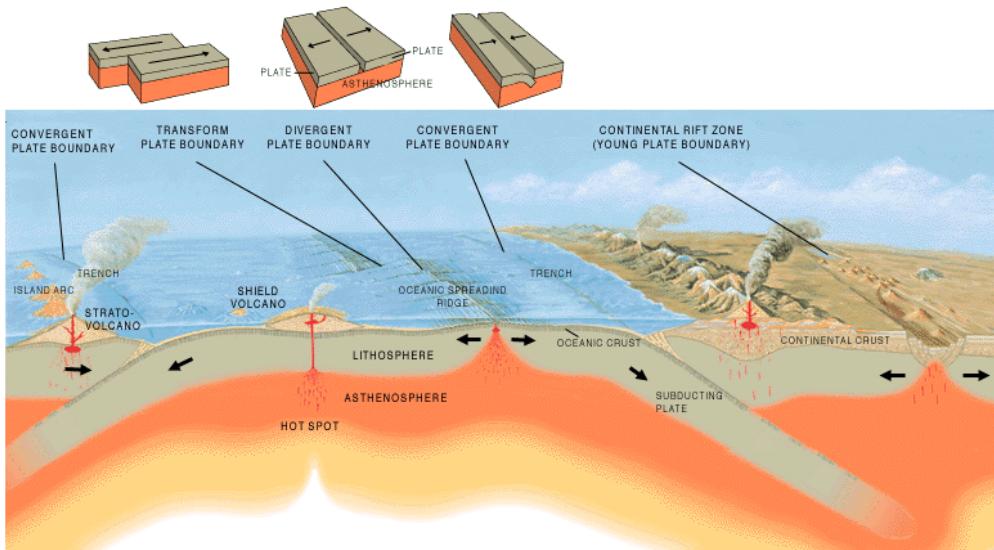
As **placas litosféricas**, como pode ser visto na figura 2.2, e o conceito de **astenosfera** (região dúctil entre a litosfera e o manto terrestre, com profundidades que variam de 60 a 700km) surgem para conformar uma teoria capaz de explicar uma série de fenômenos tectônicos já observados e ainda não bem explicados na época de seu desenvolvimento.

#### Bordas

Nas bordas das **placas litosféricas**, a tectônica é mais intensa, provocando uma enorme diversidade de fenômenos geológicos de acordo com o tipo de interação, como ilustrado na figura 2.3.

---

<sup>2</sup>USGS (1996)



**Figura 2.3:** Diferentes tipos de interações entre placas litosféricas em suas bordas<sup>3</sup>

Na figura 2.3 estão ilustrados os diferentes tipos de interação entre as placas litosféricas nas suas bordas, que causam, como já se sabe, a maior parte dos terremotos e vulcanismo.

Só na borda das placas é liberada cerca de 95% da quantidade total da energia disseminada na forma de terremotos no globo.

## Interior

A dificuldade maior é explicar, com maior detalhe, porque e como são liberados os outros 5% do total de energia em terremotos, mais raros, no interior das placas litosféricas.

Não há pleno consenso nem um modelo geral para a explicação do mecanismo de ocorrência dos sismos no interior das placas, embora sejam conhecidas diversas zonas sísmicas em regiões no interior de placas, como em Nova Madrid, nos Estados Unidos e também em locais da China e da Austrália para citar alguns.

### 2.1.2 Sismotectônica

A sismotectônica é o estudo das relações entre os terremotos e a tectônica recente de uma região. Procuram compreender exatamente quais mecanismos de ruptura da geologia são responsáveis pela atividade sísmica em uma certa área, analisando, de forma combinada, registros recentes de tectonismo regional e considerando também evidências históricas e geomorfológicas.

Na prática consiste por um lado, num esforço de compreensão dos processos geológicos através da observação dos tremores e analogamente, compreender os tremores através da observação de processos geológicos mensuráveis.

É fácil notar, portanto, a contribuição dessa disciplina para a análise de sismicidade.

---

<sup>3</sup>Vigil (1997)

## 2.2 Probabilidade

### 2.2.1 Função de densidade de probabilidade

A função de densidade de probabilidade (pdf) é uma função contínua de uma variável aleatória (v.a.) que descreve a verossimilhança relativa de que essa v.a. assuma, entre todas as realizações possíveis, uma em especial.

Considerando, por exemplo, que  $f_X(x)$  seja uma pdf para a v.a.  $X$ , sabe-se que  $X$  ocorre como  $x$  com probabilidade igual a

$$P\{X = x\} = f_X(x). \quad (2.2.1)$$

Mas para que uma função possa assumir o papel de pdf é necessário que ela possua algumas propriedades:

- (i)  $f_X(x) \geq 0 \forall x$  (a função  $f_X$  deve ser sempre positiva)
- (ii)  $\int_{-\infty}^{+\infty} f_X(x) dx = 1$  (e deve somar, sobre todos os valores possíveis, a unidade)

De forma análoga, a probabilidade de que uma realização de  $X$  seja dentro de um intervalo de valores conhecidos  $[x_0, x_1]$  é dada por

$$P\{X \in [x_0, x_1]\} = \int_{x_0}^{x_1} f_X(x) dx. \quad (2.2.2)$$

### 2.2.2 Função de massa de probabilidade

Outro conceito importante de probabilidade e diretamente relacionado à pdf é a função de massa de probabilidade (pmf) ou função de distribuição cumulativa de probabilidade.

No caso da v.a.  $X$ , sua pmf  $F_X(x)$  seria definida como

$$P\{X \leq x\} = F_X(x) = \int_{-\infty}^x f_X(u) du. \quad (2.2.3)$$

### 2.2.3 Histograma

Quando a pdf de uma v.a. não é conhecida e se deseja estudar seu comportamento é preciso estimá-la e o histograma é uma das técnicas mais antigas e utilizadas para tal.

O histograma divide o universo das observações, possíveis realizações  $X_1, X_2, \dots, X_n$  da v.a. em compartimentos (*bins*).

Dados uma origem arbitrária  $x_0$  e uma largura  $h$  de cada um, os compartimentos são definidos como os intervalos  $[x_0 + (j-1)h, x_0 + jh[$  com  $j \in \mathbb{Z}$ , um identificador para cada um deles.

Considere um determinado intervalo  $[-h/2, h/2[$ . A probabilidade de que uma observação qualquer venha a pertencer à esse intervalo é

$$P\{X \in [-h/2, h/2[\} = \int_{-h/2}^{h/2} f_X(x) dx. \quad (2.2.4)$$

E um estimador natural  $\hat{f}_X$  para a densidade  $f_X$  seria contar o número de observações.

$$P\{X \in [-h/2, h/2[\} \approx \frac{\#\{X_i \in [-h/2, h/2[\}}{n} = \int_{-h/2}^{h/2} \hat{f}_X(x) dx, \quad (2.2.5)$$

de onde

$$\hat{f}_X(x) = \frac{\# \{X_i \in [-h/2, h/2[\}}{nh} \quad (2.2.6)$$

para todo  $x \in [-h/2, h/2[$ .

De modo geral, sejam  $X_1, \dots, X_n$  observações **independentes e identicamente distribuídas** (i.i.d.) da v.a.  $X$  com densidade desconhecida  $f$ . Considere  $N_I$  intervalos de comprimento  $h$  e o conjunto de compartimentos  $C_j = [x_0 + (j - 1)h, x_0 + jh[, j = 1..N_I$ . Defina

$$I(x \in A) := \begin{cases} 1 & \text{se } x \in A \\ 0 & \text{caso contrário} \end{cases}$$

e

$$n_j := \sum_{i=1}^n I(X_i \in C_j) \text{ tal que } \sum_{j=1}^{N_I} n_j = n.$$

Dessa forma a estimativa  $\hat{f}$  parametrizada pela largura  $h$  para a densidade  $f$  seria

$$\hat{f}(x|h) = \frac{1}{nh} \sum_{j=1}^{N_I} n_j I(x \in C_j) \quad (2.2.7)$$

para toda realização possível  $x$  de  $X$ .

## 2.2.4 Processo de Poisson

Definição do processo...

Críticas...

## 2.3 Sismicidade

A sismicidade é a ocorrência dos tremores. Quando, onde, como, de que tamanho?!

É sabido que pequenos abalos são mais frequentes que os tremores de terra muito grandes e catastróficos cujos registros são extremamente raros.

A figura 2.4 apresenta os sismos de magnitude acima de nove conhecidos.

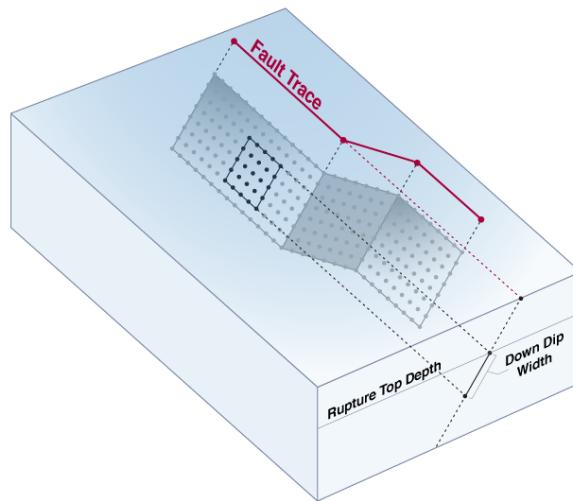


**Figura 2.4:** Sismos com magnitude acima de 9,0.

Tremores de terra, abalos, [terremotos](#), sismos são a ocorrência de fenômenos geológicos de ruptura, instantânea, por certo mecanismo, de certa dimensão, na crosta terrestre.

### 2.3.1 Ocorrência

Os tremores acontecem por uma ruptura geológica (figura 2.5) num tempo  $t$ , num lugar  $r$  e cada um com seu tamanho  $m$ .



**Figura 2.5:** Ilustração da área de ruptura em um falsoamento geológico<sup>4</sup>

O local em que se iniciou a ruptura que deu origem ao tremor é um [hipocentro](#), enquanto sua projeção na superfície, desconsiderando-se a profundidade, é o [epicentro](#).

### 2.3.2 Magnitude (da ruptura)

A magnitude de um tremor de terra é um valor medido numa escala que versa sobre a energia liberada pelo sismo, que é proporcional à área rompida e ao deslocamento geológico relativo entre as partes rompidas.

O desenvolvimento experimental de escalas de magnitude, para medir o tamanho dos tremores, é marcado pelo trabalho do sismólogo Charles Richter ([Richter, 1935](#)).

Existem, entretanto, uma série de diferentes escalas de magnitude, baseadas em diversos tipos de medidas.

A escolha de qual usar fica a critério de cada operador de sismógrafo e de cada rede sismográfica, que geralmente usam escalas diferentes para avaliar a magnitude dos tremores, ou até mesmo divulgam mais de um tipo para um mesmo evento.

As escalas são calibradas para fornecerem valores similares, de acordo com o intervalo de utilidade para o qual foram desenvolvidas, mas apresentam diferenças consideráveis para um mesmo evento, podendo comprometer as análises estatísticas baseadas num catálogo cuja magnitude não tenha sido calculada de maneira uniforme.

#### Magnitude Richter

As escalas de magnitude mais comuns são as que derivam da definição de Richter ([Richter, 1935](#)) que se baseia na relação empírica entre o logaritmo da amplitude do registro das ondas

---

<sup>4</sup>[team \(2010\)](#)

sísmicas e a distância onde foram registradas. Em 1935, Richter notou que:

$$\log \hat{A} = 3.37 - 3 \log \hat{d} \quad (2.3.1)$$

onde  $\hat{A}$  é amplitude no sismômetro Wood-Anderson e  $\hat{d}$  é distância de 100 km do tremor.

A amplitude máxima de sua escala foi definida pela amplitude máxima observada em um sismômetro Wood-Anderson, com período de 0.8s, registrando a 100km do tremor.

Na prática existem algumas incertezas e correções que deveriam ser feitas, principalmente pelo fato da escala estar intimamente relacionada a um determinado equipamento, hoje obsoleto, e porque os sismos locais (a menos de 100km) têm sua magnitude melhor calculada usando frequências mais altas que as registráveis pelo sismômetro da época.

Outras escalas foram desenvolvidas a partir da medida da amplitude máxima de determinadas fases (diferentes tipos de onda sísmica) e apresentam bons resultados para a maior parte dos sismos. Não refletem, porém, com precisão, o tamanho dos maiores e mais destrutivos eventos, com magnitude acima de 7 ou 8.

### Magnitude de Momento Sísmico

O evento de natureza sismológica ocorre num instante  $t$  liberando uma certa quantidade de energia na forma de momento sísmico  $M_0$  proporcional à magnitude de momento sísmico  $M_W$  desse evento.

O momento sísmico é apresentado na equação 2.3.2:

$$M_0 = \mu_{rig} A \tilde{D} \quad (2.3.2)$$

onde  $\mu_{rig}$  é coeficiente de rigidez da rocha,  $A$  é área afetada e  $\tilde{D}$  é deslocamento médio. Tem unidades de energia [N.m].

O momento sísmico é estimado geralmente pela inversão duplamente acoplada de um tensor de momento aos registros em forma de onda do movimento do chão causado pelo terremoto. Ou, em casos de tremores muito bem registrados, ele pode ser estimado a partir de algum modelo numérico para a ruptura.

A magnitude de momento sísmico  $M_W$  (?) é baseada no logaritmo do momento sísmico  $M_0$ , e não se satura no caso de grandes eventos. Sua definição é dada pela equação 2.3.3

$$M_W = \frac{2}{3} \log_{10} M_0 - 10.7 \quad (2.3.3)$$

onde  $M_0$  é momento sísmico em [N.m].

### Intensidade Macrossísmica

A intensidade macrossísmica é uma escala para medir, não a energia proporcional à ruptura que originou o tremor de terra, mas para retratar a percepção humana do movimento do chão onde quer este tenha produzido seus efeitos.

Uma das mais difundidas é a escala Modificada de Mercalli (Richter, 1958) apresentada em sua versão simplificada na tabela 2.1:

Categoría	Sensação	Efeitos
I	Imperceptível	Não sentido. Apenas registado pelos sismógrafos.
II	Muito fraco	Sentido por um muito reduzido número de pessoas em repouso, em especial pelas que habitam em andares elevados.
III	Fraco	Sentido por um pequeno número de pessoas. Bem sentido nos andares elevados.
IV	Moderado	Sentido dentro das habitações, podendo despertar do sono um pequeno número de pessoas. Nota-se a vibração de portas e janelas e das loiças dentro dos armários.
V	Forte	Praticamente sentido por toda a população, fazendo acordar muita gente. Há queda de alguns objectos menos estáveis e param os pêndulos dos relógios. Abrem-se pequenas fendas nos estuques das paredes.
VI	Bastante forte	Provoca início de pânico nas populações. Produzem-se leves danos nas habitações, caindo algumas chaminés. O mobiliário menos pesado é deslocado.
VII	Muito forte	Caem muitas chaminés. Há estragos limitados em edifícios de boa construção, mas importantes e generalizados nas construções mais frágeis. Facilmente perceptível pelos condutores de veículos automóveis em trânsito. Desencadeia pânico geral nas populações.
VIII	Ruinoso	Danos acentuados em construções sólidas. Os edifícios de muito boa construção sofrem alguns danos. Caem campanários e chaminés de fábricas.
IX	Desastroso	Desmoronamento de alguns edifícios. Há danos consideráveis em construções muito sólidas.
X	Destruidor	Abrem-se fendas no solo. Há cortes nas canalizações, torção nas vias de caminho de ferro e empolamentos e fissuração nas estradas.
XI	Catastrófico	Destruíção da quase totalidade dos edifícios, mesmo os mais sólidos. Caem pontes, diques e barragens. Destruíção das redes de canalização e das vias de comunicação. Formam-se grandes fendas no terreno, acompanhadas de desligamento. Há grandes escorregamentos de terrenos.
XII	Cataclismo	Destruíção total. Modificação da topografia. Nunca foi presenciado no período histórico.

**Tabela 2.1:** Escala simplificada de intensidade sísmica, modificada em 1956 a partir da escala original de Giuseppe Mercalli de 1902

Existem estudos (Bakun e Wentworth, 1999) que propõem a inferência sobre o tamanho da ruptura, e sua magnitude, a partir de observações macrossísmicas, ou dos efeitos relatados pela escala de intensidade, georreferenciados.

### 2.3.3 Catálogos

Os catálogos podem ser vistos como uma coleção de parâmetros sobre os tremores. Podem ser classificados em três categorias (Woessner *et al.*, 2010) enumeradas a seguir:

- Pré-históricos: baseados na coleta de dados feitas por geólogos estruturais em trincheiras ou campos de subsidência. Podem conter registros de tremores que ocorreram há milhares de anos.
- Históricos: catálogos formados a partir de relatos históricos e inferência de valores de intensidade (seção 2.3.2), de análises de forma de onda com instrumentos antigos (registros em papel), eventualmente digitalizados. Cobrem o período das primeiras descrições humanas até os catálogos instrumentais.
- Instrumentais: são os catálogos de sismicidade definidos por dados produzidos por uma rede sismográfica bem estabelecida gerando localizações continuamente (que começam a existir a partir de 1970).

Os catálogos instrumentais são uma listagem onde se espera que encontrar para cada evento as seguintes informações:

- algum identificador,
- a localização (**hipocentro**) do evento em algum sistema de referência (longitude, latitude, profundidade),
- o tempo de origem: data e hora com precisão de pelo menos décimos de segundo e
- uma ou várias informações de **magnitude**.

Adicionalmente, embora não seja muito frequente, podem ser fornecidas informações adicionais obtidas pela análise das formas de onda, como:

- incertezas sobre as magnitudes,
- incertezas sobre a localização (erro padrão, elipses de erro, cobertura dos sismogramas em diversas distâncias, cobertura dos sismogramas em vários ângulos azimutais, acurácia do modelo de velocidades utilizado, para enumerar alguns),
- intensidade máxima,
- intensidade no epicentro,
- número de, e as vezes as próprias, informações usadas para a determinação do hipocentro e hora de origem,
- sobre o mecanismo (alinhamento, mergulho e sentido do deslocamento na falha geológica) focal, entre outras.

Mas é importante salientar (Woessner *et al.*, 2010) que cada um dos parâmetros determinados é fruto de uma série de decisões e etapas de processamento.

Começam pela escolha dos sismômetros a serem instalados e onde para registrar as formas de onda. Sinais acima do nível de ruído são associados à chegadas de fases quando registradas em mais de uma estação.

A localização e o tempo de origem são determinados juntando-se os tempos de chegadas das fases a um modelo de velocidade das ondas ao longo de camadas da crosta (ao qual a localização é extremamente dependente).

As magnitudes são computadas a partir das amplitudes e/ou da duração do sinal, dependendo profundamente da calibração dos instrumentos.

### 2.3.4 Distribuição de Frequência e Magnitude

Observa-se que os sismos menores são muito mais freqüentes. Entretanto, os maiores e mais raros são os que trazem a maior ameaça e os que causam as maiores perdas.

Uma análise conveniente seria explorar como se dá essa distribuição de magnitudes.

#### MFD de Gutenberg-Richter

Gutenberg e Richter (Gutenberg e Richter, 1954) observaram empiricamente que a distribuição da frequência de ocorrência dos tremores e das magnitudes seguiam uma distribuição cuja versão clássica é apresentada na equação 2.3.4 a seguir:

$$\log N(m, m + dm) = a - bm \quad (2.3.4)$$

onde  $N(m, m + dm)$  é o número de eventos com magnitude entre  $m$  e  $m + dm$ ,  $a$  é o valor-a (corresponde à um índice de produtividade),  $b$  é o valor-b (corresponde à proporção de sismos pequenos e grandes, geralmente em torno de 1).

Com uma simples transformação de variáveis ( $\alpha = 10^a$  e  $\beta = b \ln 10$ ), observa-se que o número de sismos que ocorrem com magnitudes dentro de um pequeno intervalo  $[m, m + dm]$  tem distribuição exponencial:

$$\begin{aligned} N(m, m + dm) &= 10^{a - bm} \\ &= \alpha e^{-\beta m} \end{aligned} \quad (2.3.5)$$

A distribuição cumulativa, ou seja, o número de eventos com magnitude maior que um certo valor  $m_{min}$  também segue uma distribuição exponencial e é apresentada na equação 2.3.6:

$$\begin{aligned} N(m > m_{min}) &= \alpha \int_{m_{min}}^{\infty} e^{-\beta m} dm \\ &= \frac{\alpha}{\beta} e^{-\beta m} \\ &= \alpha_{cum} e^{-\beta m} \end{aligned} \quad (2.3.6)$$

onde  $\alpha_{cum} = \alpha/\beta$  é o valor cumulativo da atividade sísmica.

Entretanto, a distribuição clássica de Gutenberg-Richter (GR) não impunha restrições sobre um limite inferior  $m_{min}$  ou superior  $m_{max}$  à validade da distribuição.

### MFD Truncada

Variações da distribuição clássica de GR foram propostas em vista de melhor representar as MFD estudadas à partir de catálogos de diversas regiões.

A equação 2.3.7 versão incremental truncada com um limite superior  $m_{max}$ :

$$N(m, m + dm) = \frac{e^{-\beta m}}{1 - e^{-\beta m_{max}}}, m \leq m_{max} \quad (2.3.7)$$

Na equação 2.3.8 versão incremental duplamente truncada com um limite inferior  $m_{min}$  e superior  $m_{max}$ :

$$N(m, m + dm) = \frac{e^{-\beta(m - m_{min})}}{1 - e^{-\beta(m_{max} - m_{min})}}, m_{min} \leq m \leq m_{max} \quad (2.3.8)$$

A figura 2.6 ilustra essas distribuições.

### MFD Limitada

Outra possibilidade, é limitar suavemente a parte final da curva (ver figura 2.6). A equação 2.3.9 apresenta a distribuição:

$$N(m, m + dm) = \alpha [e^{-\beta(m - m_{min})} - e^{-\beta(m_{max} - m_{min})}], m_{min} \leq m \leq m_{max} \quad (2.3.9)$$

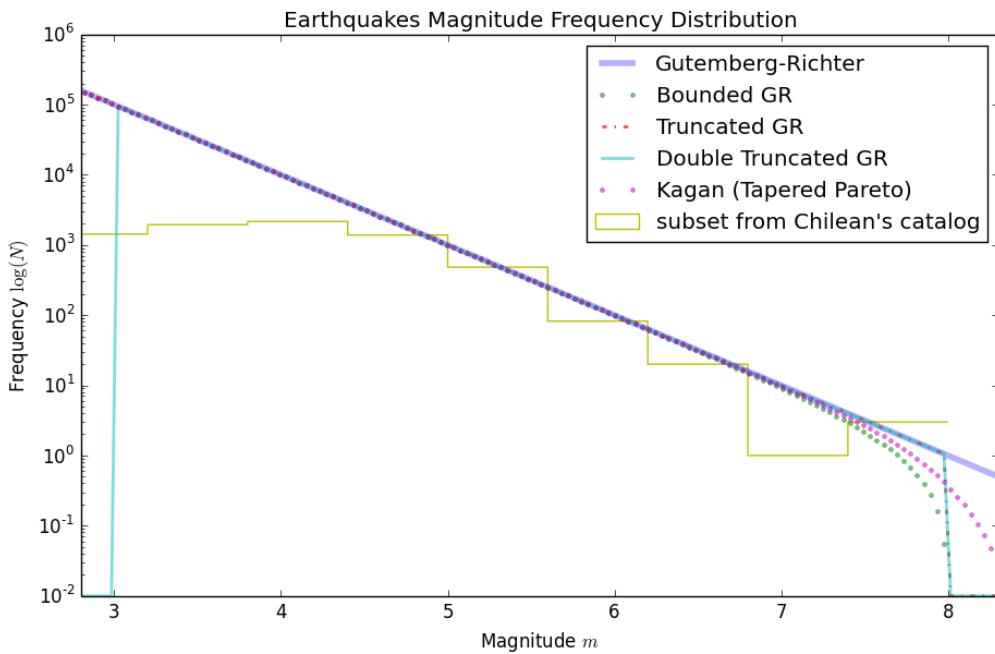
### MFD com decaimento exponencial

Yan Kagan (Kagan, 2002) propôs uma distribuição de magnitude mais adequada e acomodada à energia liberada pelos sismos, que pode ser descrita como na equação 2.3.10:

$$N(m, m + dm) = [\beta_p + \frac{m}{m_{min}}] m_{min}^{\beta_p} m_{corner}^{-1-\beta_p} e^{\frac{m_{min}-m}{m_{corner}}}, m_{min} \leq m < \infty \quad (2.3.10)$$

onde  $\beta_p = \frac{2}{3}b$ , é o beta da distribuição de Pareto e  $m_{corner}$  valor de magnitude responsável por controlar o decaimento da Kagan-MFD

A figura 2.6 mostra a diferença entre algumas dessas distribuições



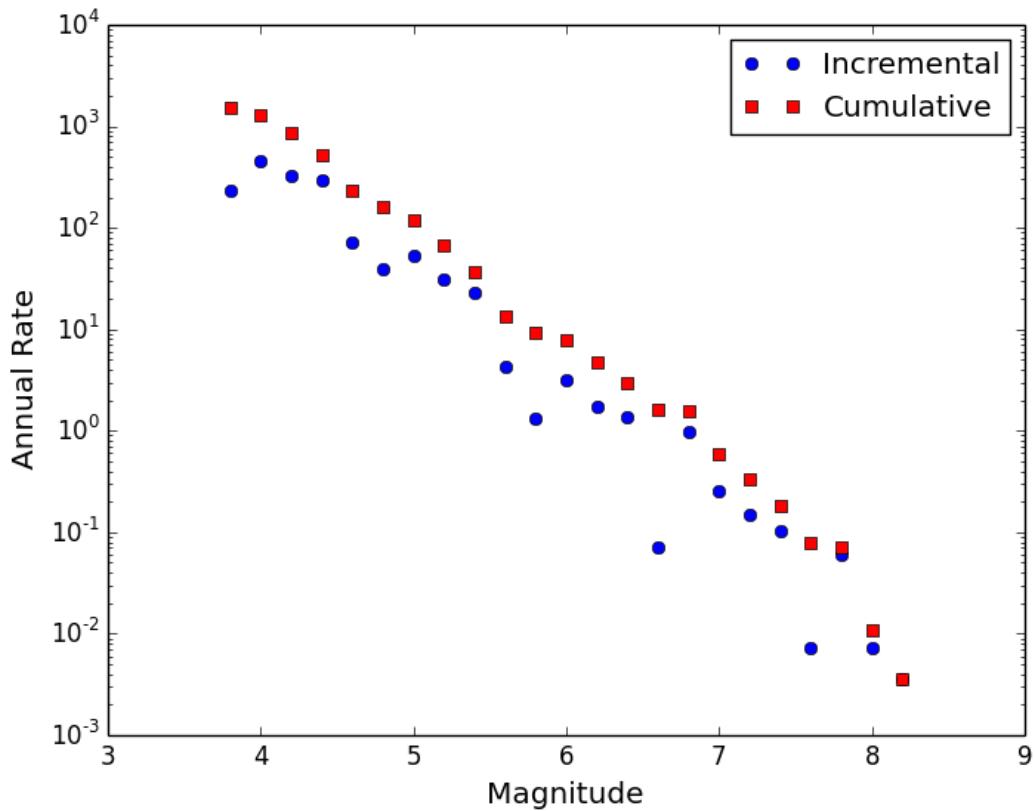
**Figura 2.6:** Distribuições de frequência e magnitude

A figura 2.6 apresenta um comparativo de algumas distribuições. Para ilustração, há também na figura um histograma de um catálogo de uma pequena região do norte do Chile, onde se pode observar que tanto a porção inferior (em torno de  $m = 5$ ), como a porção posterior ( $m > 7$ ) do histograma não seguem perfeitamente a distribuição. Há essencialmente duas zonas críticas em que é preciso estar atento à física do problema: (i) na parte inferior, muitos sismos de magnitude pequena não são registrados, seja por não terem energia suficiente para sensibilizar um conjunto razoável de estações que permitam determinar suas localizações, seja porque o número de estações é insuficiente na região onde os pequenos tremores ocorrem; (ii) a parte superior, por sua vez, é crítica por se acoplar diretamente aos limites físicos do tamanho da maior ruptura possível, relacionada diretamente ao limite de liberação de energia na forma de momento sísmico  $M_0$ .

Nas distribuições de magnitude e frequência é importante que se possa reconhecer claramente alguns parâmetros fundamentais.

### 2.3.5 Valor-b

O *valor-b* foi apresentado nesta seção como a inclinação da reta que representa a parte plana descrescente da distribuição. Representa a proporção de sismos pequenos e catastróficos que uma determinada fonte sísmica é capaz de produzir.



**Figura 2.7:** Distribuição incremental e cumulativa de frequencia e magnitude dos sismos presentes no catálogo ISC-GEM para a América do Sul unido com o BSB2013

### 2.3.6 Taxa de Sismicidade

A taxa de sismicidade é a medida da ocorrência dos tremores por uma determinada unidade de tempo (geralmente anos). Representa para cada magnitude, a frequência média de ocorrência ( $\lambda$  do processo de Poisson).

### 2.3.7 Valor-a

O *valor-a* é a projeção da MFD no eixo das frequências e representa o nível geral de sismos que as fontes observadas pelo catálogo são capazes de produzir.

Costuma ser confundido pela forma de representação adotadas para a distribuição (incremental e/ou cumulativa) e pelos truncamentos onde por vezes se apresenta o valor-a como a taxa de sismicidade da magnitude mínima ou de completude do catálogo.

No presente trabalho o valor-a significará sempre o valor-a da distribuição cumulativa de sismos por unidade de tempo com magnitudes positivas.

### 2.3.8 Magnitude de Completude

A magnitude de completude é o valor mínimo para o qual a distribuição é capaz de observar o conjunto completo dos sismos. Em outras palavras representa o limite de observação completa do catálogo.

Sua identificação é bem simples quando se observa a distribuição incremental de magnitudes. É facilmente notado o valor de magnitude na porção inferior na qual o número de sismos registrados começa a divergir da tendência geral da distribuição.

Seu mapeamento é importante uma vez que os métodos de ajuste e determinação dos parâmetros da distribuição baseados na máxima verossimilhança (REFERENCIA) dependem fundamentalmente desse valor mínimo.

FIGURA SouthAm ISC-GEM

## 2.4 Risco Sísmico

A redução do risco sísmico é um problema complexo que envolve geralmente muitas pessoas, informações, decisões e ações.

A palavra risco, ao pé da letra, significa a exposição à possibilidade de injúria ou perda. E geralmente é usada como sinônimo de ameaça. Na literatura acerca do tema risco, inclusive, as palavras risco e ameaça são usadas com certa confusão.

No glossário da EERI (EERI Committee on Seismic Risk, 1984) a definição de risco sísmico é a probabilidade de que perdas sociais ou econômicas aconteçam como decorrência de tremores por superarem limiares estabelecidos para determinado local ou região durante um certo período de exposição.

A ameaça sísmica, por outro lado, é qualquer fenômeno físico (oscilação, falhamento) associado à terremotos que possam produzir efeitos adversos às atividades humanas. Na prática são avaliados por dadas probabilidades de ocorrência.

Do que se pode deduzir que o risco sísmico é uma combinação da ameaça sísmica com outros fatores:

$$\text{Risco Sísmico} = \text{Ameaça Sísmica} * \text{Vulnerabilidade} * \text{Valor Exposto} \quad (2.4.1)$$

onde a vulnerabilidade é a quantidade de danos induzidos por um dado grau de ameaça e expressa como uma fração do valor exposto ao dano e varia de acordo com o modelo proposto.

Frequentemente, o fator vulnerabilidade advém das análises das (ii) respostas das estruturas edificadas ao espectro de acelerações produzidos pela (i) provável ameaça sísmica e da análise de possíveis (iii) danos estruturais à edificação.

A decisão de alterar ou não o desenho estrutural das edificações é feito a partir da análise dos (iv) prejuízos (quantidade de moeda, mortes, tempo inoperante) causados caso as estruturas sejam danificadas conforme as análises anteriores.

## 2.5 Ameaça Sísmica

A ameaça sísmica poderia ser definida de modo geral como a possibilidade de ocorrer efeitos potencialmente destrutivos de um terremoto em uma particular localização. Com exceção de *tsunamis* ou falhamentos geológicos superficiais, todos os efeitos destrutivos de um tremor de terra estão diretamente relacionados ao movimento do chão induzido pela passagem das ondas sísmicas. Existem, entretanto diferenças de abordagem para a avaliação da ameaça sísmica.

A Análise Probabilística de Ameaça Sísmica (PSHA) foi introduzida por Cornell (1968) e se tornou técnica mais amplamente usada para a avaliação da ameaça sísmica, mas também se pode fazer a avaliação através de cenários determinísticos definidos pelo espectro de

movimento forte do chão que pode ser causado pela ocorrência de um determinado tremor de terra em certa localização e de certa magnitude. O possível movimento forte no local de interesse é avaliado através de relações de atenuação ou **GMPE**.

Os mecanismos da **PSHA** são menos óbvios do que os da **Análise Determinística de Ameaça Sísmica (DSHA)** e em essência significam identificar todos os possíveis tremores que podem afetar o local de interesse, incluindo todas as possíveis combinações de distâncias e caracterizar a frequência de ocorrência das diferentes magnitudes através de relações de recorrência. As equações de atenuação são utilizadas para calcular os parâmetros do movimento do chão no local de interesse devido a esses tremores e consequentemente a taxa com que diferentes níveis de movimento do chão ocorram no local de interesse.

Seus resultados também apresentam certa distinção. Se por um lado a **PSHA** traz consigo o aspecto temporal, ou a taxa com que diferentes níveis de aceleração excederão determinado limiar em determinado local de interesse, por outro, a **DSHA** apresenta o movimento do chão esperado quando ocorra determinado evento de controle.

TODO: (Cornell, 1968) DSHA (Reiter, 1990; Kramer, 1996; Krinitzsky, 2002)

(Cornell, 1968; Bazzurro and Cornell, 1999; Abrahamson, 2000b; Hanks and Cornell, 2001; Abrahamson, 2006)

differences bommer, 1998

### 2.5.1 Projeção da Ocorrência de Rupturas

As projeções (*forecasting*) são feitas para se estimar a ocorrência de futuros tremores, principalmente dos maiores, com grandes chances de provocar perdas.

Nas de curto prazo, estimam-se os próximos tremores numa escala de dias ou horas considerando uma taxa de sismicidade variável com o tempo como no caso dos pré e pós-abalos, ou de quando acontece um enxame sísmico, período de maior atividade numa região. Sua principal aplicação é a auxiliar na tomada de decisões de curto período, como evacuação de edifícios.

Nas de longo prazo, foco desse texto, a principal consideração feita é de que a **taxa de sismicidade** não varie ao longo do tempo, servindo para estimar as acelerações provocadas por tremores, mesmo que possam ocorrer muito raramente, de grandes proporções.

Suas aplicações fazem sentido quando se deseja saber o nível de segurança e resistência estrutural que devem ser impostos às edificações em geral, ou o valor de um contrato de resseguro de plataformas de petróleo, ou outros grandes investimentos industriais, como usinas nucleares.

## 2.6 Análise Probabilística de Ameaça Sísmica

Na **PSHA** são considerados todos os possíveis tremores, as rupturas que os originaram e os movimentos do chão resultantes conjuntamente com suas probabilidades de ocorrência associadas de modo a encontrar o nível de movimento do chão que será excedido com uma determinada baixa tolerância (BAKER).

Se por um lado Cornell foi um dos pioneiros em desenvolver e apresentar a metodologia da **PSHA**, McGuire (1976) introduziu importantes elementos com seu software EQRISK. Mas fundamentalmente o método consiste de dois pilares, o primeiro é a definição de zonas sismogênicas como áreas ou linhas em cuja sismicidade deveria ser considerada espacialmente uniforme. O segundo é o pressuposto de que a sismicidade pode ser representada por um processo de Poisson. Os dois têm sido de uma maneira ou outra questionados e pesquisadores ainda propõem alternativas.

Uma PSHA pode ser separada em cinco passos para uma melhor compreensão:

- Identificar todas as fontes sísmicas capazes de produzir movimentos do chão potencialmente danosos.
- Caracterizar a distribuição de magnitudes (taxa de esperada de ocorrência para cada magnitude possível de tremor).
- Caracterizar a distribuição de distâncias dos tremores ao local de interesse associada com cada potencial fonte sísmica.
- Prever a distribuição resultante da intensidade do movimento do chão devido à distância do tremor, à magnitude, às condições geológicas do local de interesse, etc.
- Combinar as incertezas das prováveis locais de origem, das prováveis magnitudes e dos prováveis movimentos do chão causados pelos tremores de terra usando o teorema da probabilidade total.

Os diferentes métodos de PSHA variam propondo alterações em uma ou mais de uma dessas etapas detalhadas a seguir.

### 2.6.1 Identificação das fontes sísmicas

Para identificar fontes sísmicas são utilizados desde registros históricos de sismicidade à evidências geológicas de falhamentos/rupturas datados com deslocamento e magnitudes inferidos e busca-se aproveitar de toda informação relevante disponível, como a medida secular de deslocamento relativo entre observações geodésicas contínuas ou mesmo da sismicidade recente.

#### Tipologia e Representação Geométrica

Quando se identifica uma fonte sísmica é comum representá-la segundo uma forma geométrica mais consistente com o conjunto das observações disponíveis para descrever as possíveis rupturas.

##### Ponto

Se apenas se conhece a localização isolada de um tremor antigo, com magnitude e com mecanismo de falhamento conhecido, é possível representá-lo como uma fonte sísmica de tipo pontual. Nesse tipo de fonte são definidos os limites superior e inferior da ruptura, sua orientação e tipo de falhamento (quando disponíveis) e o epicentro é definido a partir do centro de cada ruptura.

##### Área

Quando o conhecimento sobre a geologia, a tectônica, ou mesmo a correlação espacial dos tremores no catálogo, permitam o delineamento de zonas com características sísmicas comuns, se costuma representar como áreas com forma poligonal onde por fim serão discretizadas como um conjunto de fontes sísmicas de característica pontual distribuída uniformemente por toda área.

### Falha Simples

Muitas vezes os parâmetros de um falhamento ativo são claramente conhecidos e monitorados. Isso permite uma maior especificidade na representação da fonte sísmica, diminuindo, por exemplo, as incertezas na orientação das rupturas. Nesse caso a geometria da falha se caracteriza pela projeção do traço de falha na superfície e pelos limites superior e inferior da ruptura no plano de mergulho.

### Falha Complexa

Casos de sismicidade mais complexa como zonas de subdução ou encontro de placas, tem uma sismicidade mais complexa, gerada por estruturas maiores e mais profundas que apresentam geralmente variações laterais de mergulho, acúmulo de esforços, orientação, etc. Fontes sísmicas em situações como essa são modeladas por como múltiplos segmentos simples e unidos de forma suave.

## 2.6.2 Caracterização da MFD

Conhecida a fonte sísmica e sua representação geométrica, é preciso caracterizar sua capacidade sismogênica determinando uma (ou mais) possíveis MFD a que se ajustam as observações. Isso inclui a forma da distribuição, a taxa geral de sismicidade (valor-a) e frequentemente as magnitudes mínima e máxima.

## 2.6.3 Caracterização da Distribuição de Distâncias

Dados um local de interesse e uma provável ruptura em uma fonte sísmica, é necessário calcular a distribuição das distâncias da fonte ao local de interesse.

É necessário calcular a distribuição da distância das possíveis rupturas em uma fonte sísmica à um determinado local de interesse.

## 2.6.4 Predição do Movimento do Chão

Para se estimar os possíveis níveis de movimento do chão causados por eventos de uma determinada magnitude à uma certa distância do local de interesse são utilizadas as GMPEs.

forma geral da gmpe

Exemplo de modelagem de gmpe

## 2.6.5 Combinação de Incertezas e Avaliação da Ameaça Sísmica

Integral do Hazard . . .

# Capítulo 3

## Região de Estudo

Esse capítulo apresenta a região de estudo sob o ponto de vista tectônico e sismológico.

### 3.1 Contexto Geológico e Tectônico Sul-Americanoo

A placa Sul-Americana (figura 3.1) tem ao norte a placa do Caribe e a placa Norte-Americana. Ao sul estão a placa de Scotia e a placa Antártica. Todas elas se deslocam majoritariamente tangencialmente à placa Sul-Americana.

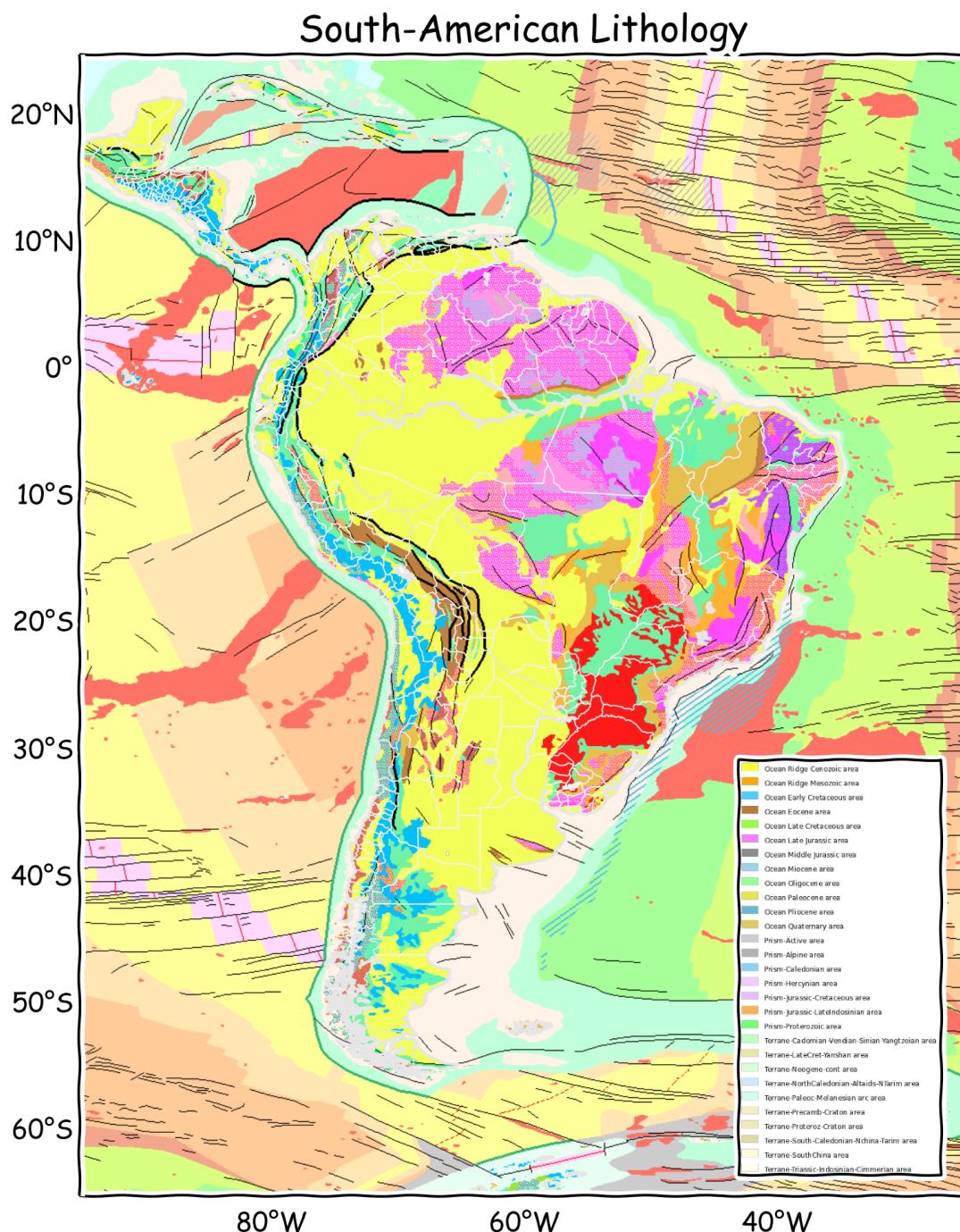


Figura 3.1: Placa Sul-Americana em seu contexto global

Por outro lado, na divisa com placa Africana à leste, está a Dorsal Meso-Oceânica resultado do processo de abertura dos oceanos e separação dos continentes. A abertura dos Atlântico na dorsal é responsável por um considerável esforço de compressão horizontal na placa Sul-Americana.

E há também a subducção da placa de Nazca sob a placa Sul-Americana, à oeste, responsável, entre outros processos, pelo surgimento das Fossas Oceânicas e da cordilheira dos Andes com suas alturas e vulcanismo.

Olhando um pouco mais de perto para a parte continental da placa Sul-Americana (figuras 3.2) é interessante destacar três grupos principais: (i) o Embasamento Pré-Cambriano, (ii) as Coberturas Fanerozóicas e (iii) a Cadeia Andina.

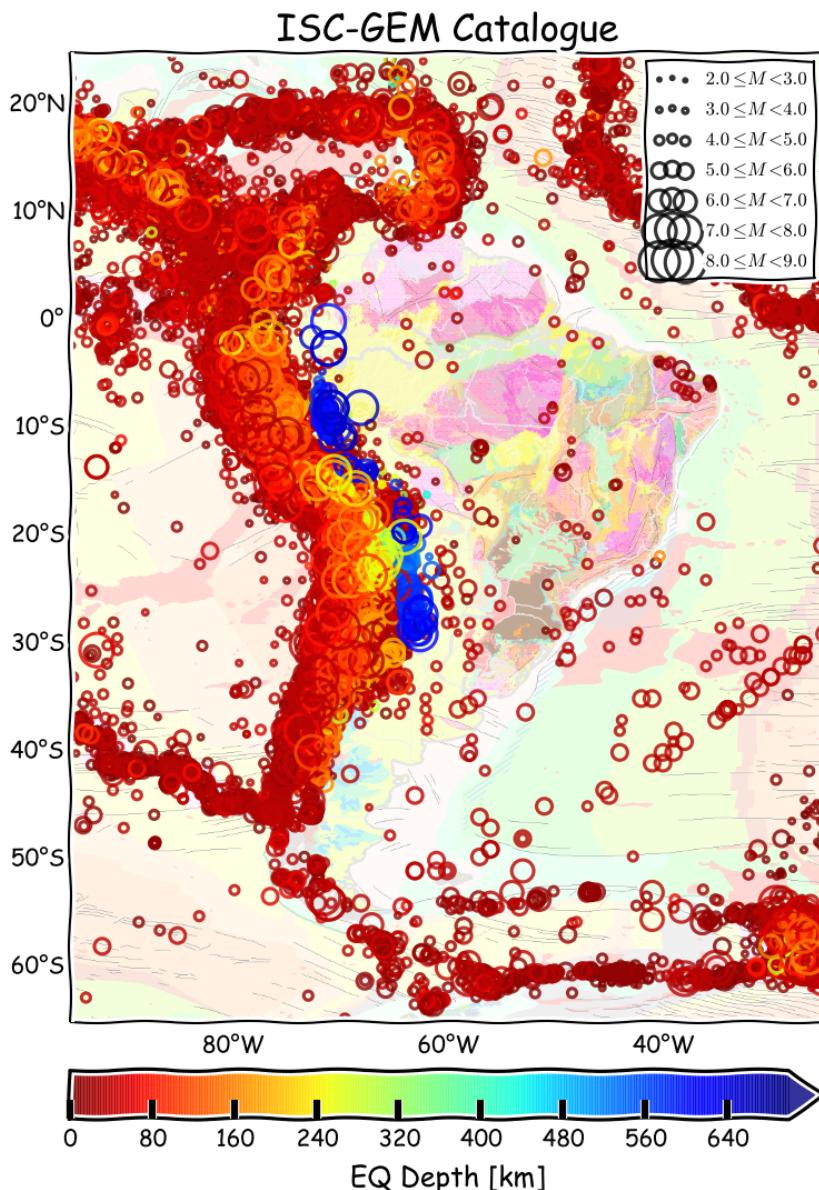


**Figura 3.2:** Mapa geológico da América do Sul

As rochas do embasamento pré-cambriano se originaram mais de 500 Ma. Por serem mais antigas são mais estáveis. A cobertura Farerozóica é resultado da sedimentação ocorrida menos de 250 Ma. Formam as bacias sedimentares. A Cadeia Andina é resultado da subducção a XXX Ma e embora exponha rochas pré-cambrianas em algumas partes, é a parte mais ativa e interessante tectonicamente.

### 3.1.1 Sismicidade Sul Americana

A sismicidade Sul-Americana é marcada fortemente pela subducção à oeste e pela separação dos oceanos à leste. América Central, Caribe e a parte Antartica ao sul são placas menores e seus movimentos merecem estudo de maior detalhe.



**Figura 3.3:** Sismicidade da América do Sul, Catálogo ISC-GEM REFERENCIA . A geologia ao fundo é fonte do CGWM via OneGeology. Sismos mais profundos foram registrados no interior da placa, inclusive sobre o Acre.

A figura 3.3 apresenta a sismicidade da América do Sul pelo catálogo ISC-GEM (seção

REFERENCIA). É possível notar claramente a subducção, ou seja, do mergulho, da placa de Nazca sob a placa Sul-Americana. Isso fica claro quando se observa que os sismos com profundidade variando cerca de centenas de quilômetros e que vão se tornando mais profundos para interior da placa Sul-Americana.

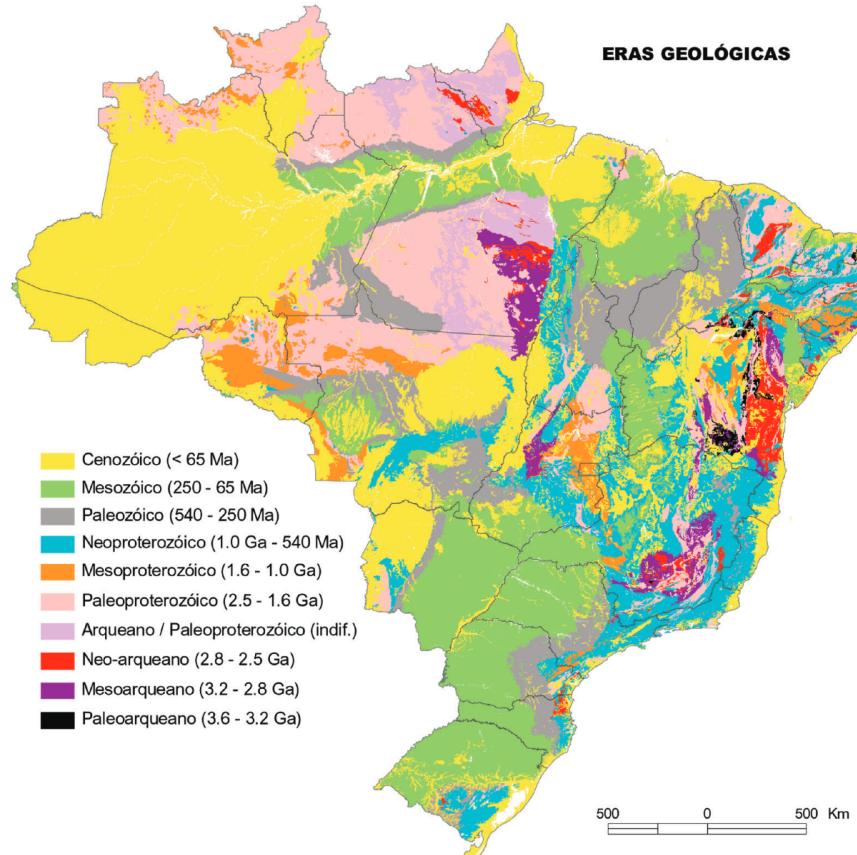
Isso acontece porque parte da quantidade de rocha fria, oceânica e continental, está afundando sob o manto e lentamente se incorporando à ele. Mas ainda existem atrito, compressões e processos de ruptura nessas profundidades e que ocorrem majoritariamente na interface entre essas placas pelo acúmulo de tensão e deslocamentos mínimos durante milhares de anos e que são liberados instantaneamente na ruptura. Esse processo é também o responsável pelo soerguimento da cordilheira dos Andes e de boa parte do vulcanismo na região.

Sismos profundos, de 70 e 700 Km, geralmente provocam acelerações de baixa intensidade em seus epicentros devido à atenuação da energia das ondas de superfície no manto.

Também é latente a constatação da diferença de distribuição da sismicidade sul-americana na borda de placa com o continente como um todo além da maior parte do Brasil, serem praticamente inativas no histórico comparado.

## 3.2 Contexto Geológico e Tectônico Brasileiro

Tomando-se como referência 500Ma, destacam-se dois grandes grupos de rochas na figura 3.4 a seguir.



**Figura 3.4:** Mapa Geológico do Brasil em escala 1:1.000.000. Fonte REFERENCIA

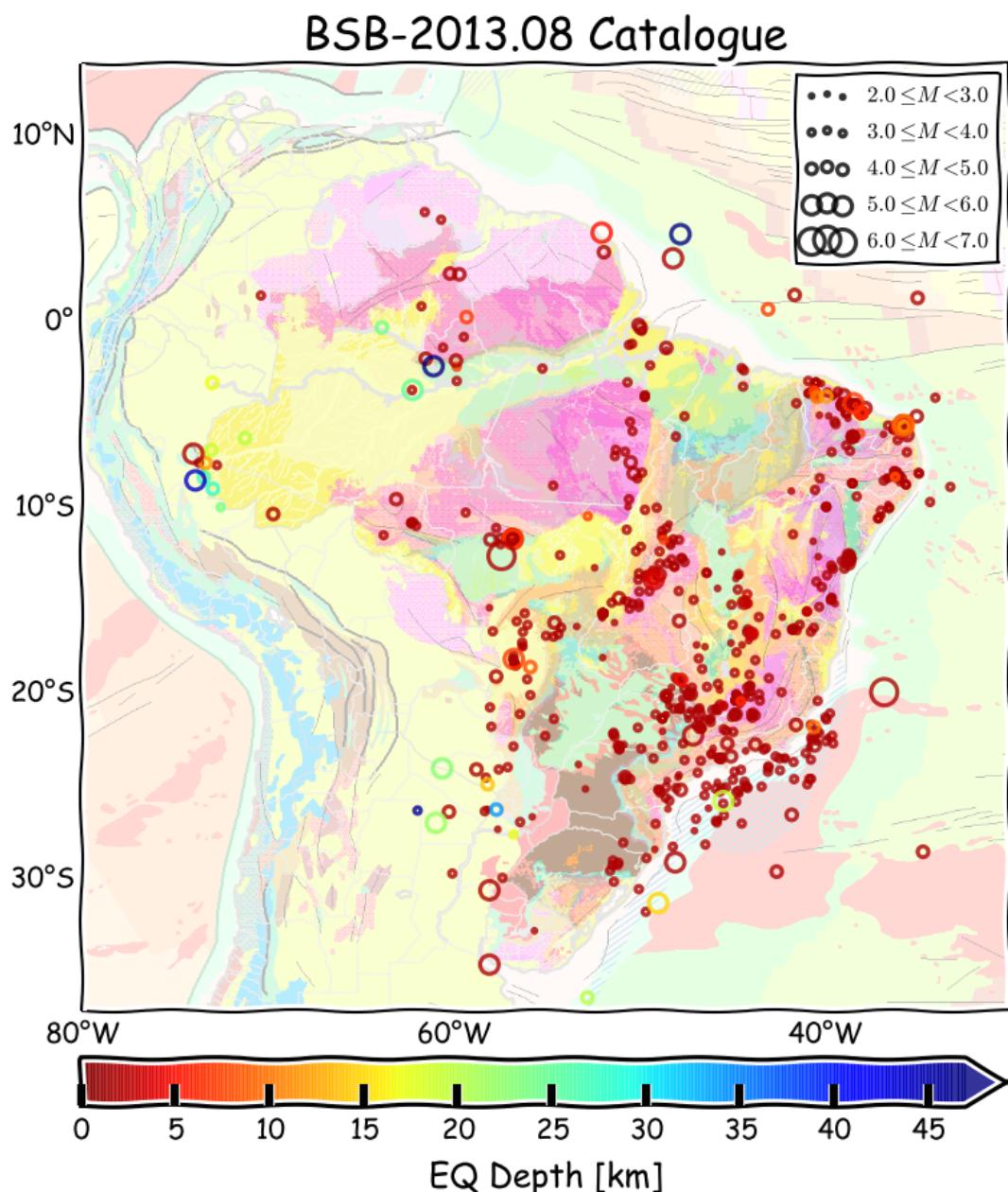
O embasamento, mais antigo, exposto sob a Amazônia e em porções menores e mais

recentes também expostos no sudeste e nordeste, cedem espaço à um segundo grupo de rochas mais jovem, fruto da sedimentação e metamorfismos mais recentes.

### 3.3 Sismicidade do Brasil

No Brasil não há terremotos. Não ao menos em quantidade proporcional a 10% dos sismos sul-americanos. Mesmo assim, ou por isso mesmo, a ocorrência de um sismo é ainda mais ameaçadora. Onde já se espera, já se está preparado. Por outro lado onde nunca se espera, é sempre de surpresa.

É fato que o Brasil por estar numa área continental, no interior da placa, de ter geologia com uma formação antiga e estável tem um número reduzido, não desprezível, de tremores. A figura 3.5 mostra o detalhe da sismicidade brasileira com a litologia ao fundo.

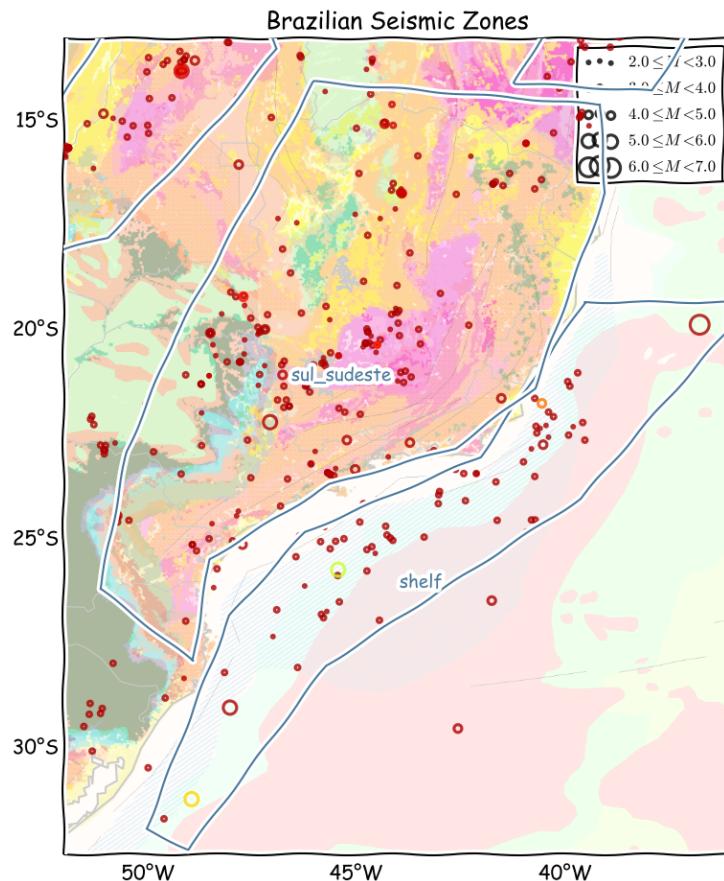


**Figura 3.5:** Sismicidade do Brasil. Catálogo BSB-2013.08

É importante notar que já houve registro de sismos com magnitudes pouco acima de 6, e que sismos de magnitude acima de 4, ricos, em área urbana e em um continente estável, com baixa atenuação das amplitudes das ondas sísmicas, podem ser danosos.

### 3.3.1 Sul, Sudeste e Litoral Leste

A sismicidade do sudeste e seu litoral possui mecanismos diferentes. Enquanto no litoral, a principal sismicidade ocorre na área do talude, com destaque para um dos maiores sismos que se tem registro no Brasil (figura 3.6).



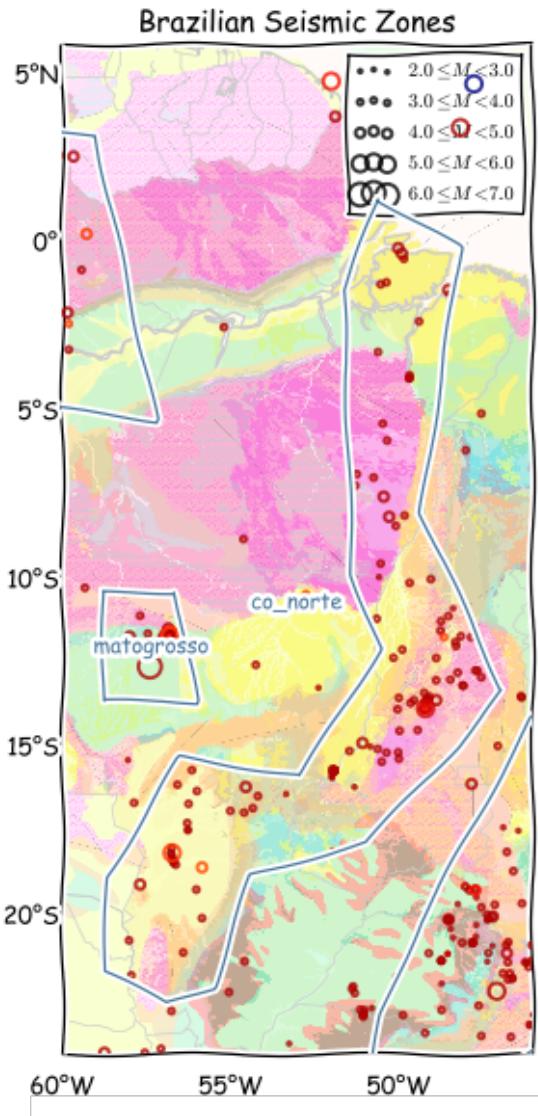
**Figura 3.6:** Zona sísmica do SE. Dourado

O continente é marcado por uma sismicidade difusa na área do cráton que se estende pelo norte de Minas Gerais até quase o sul da Bahia e outra parte a nordeste da bacia do Paraná. Há também uma pequena sismicidade acompanhando a costa.

É nessa região o único registro no Brasil de vítimas fatais decorrentes de tremores de terra, em Itacarambi XXXX.

### 3.3.2 Centro-Norte

É uma área com sismicidade peculiar. Na figura 3.7 De norte a sul acompanha grosseiramente o contato entre o cráton e parte da bacia do Parnaíba. Também no que seria a área central próxima à Chapada dos Veadeiros, em uma outra formação cratônica.

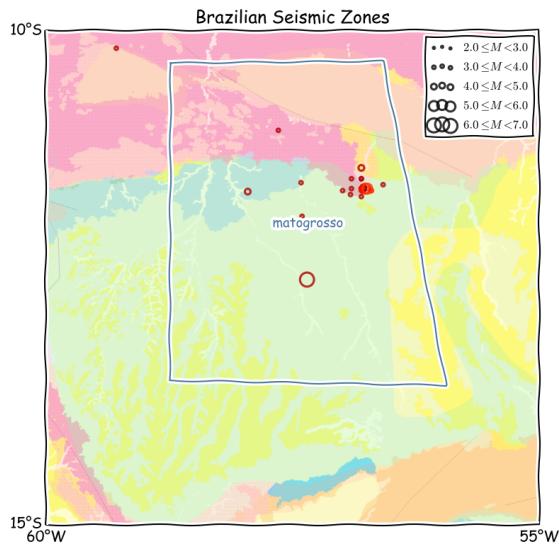


**Figura 3.7:** Zona sísmica do Centro-Norte. Dourado

A última porção, ao sul, a sismicidade ocorre na área sedimentar da bacia do Pantanal.

### 3.3.3 Mato-Grosso

A sismicidade do Mato-Grosso, mais precisamente de Porto-de-Gaúchos (3.8), é emblemática para o Brasil. Poderia ser considerada com características similares a Nova Madri, EUA.

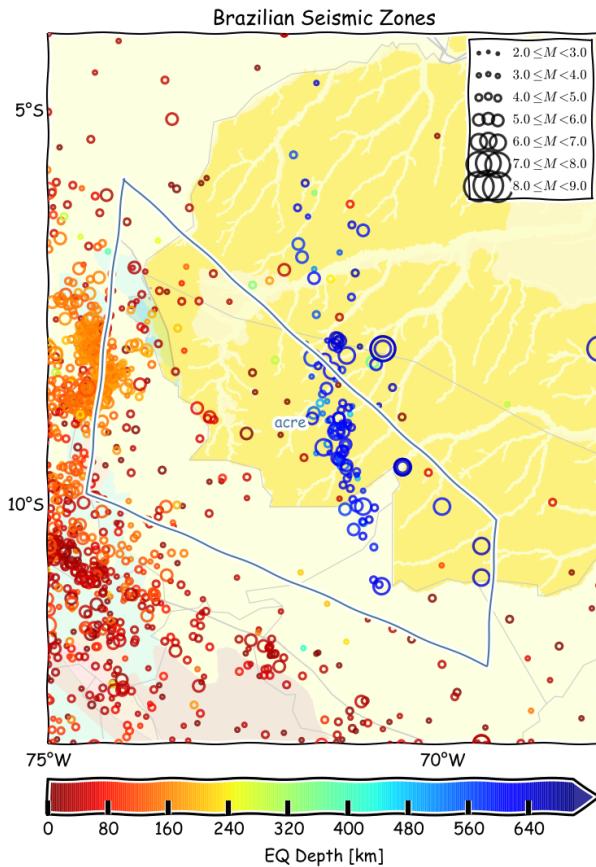


**Figura 3.8:** Zona sísmica do Centro-Norte. Dourado

A região sofreu um dos maiores sismos já registrados no Brasil, com magnitude pouco acima de 6. Não há registros de falhas geológicas neo-tectônicas e mais complexa de ser explicada. LUCAS BARROS REFERENCIA.

### 3.3.4 Extremo Oeste e Acre

No extremo oeste do Brasil, na região do Acre, a sismicidade tem uma característica distinta das outras. É possível reparar, na figura 3.9, primeiramente na quantidade de sismos, e em seguida perceber a influência dos sismos sul americanos, desde os mais profundos aos intermediários e relativamente rasos de 70km.

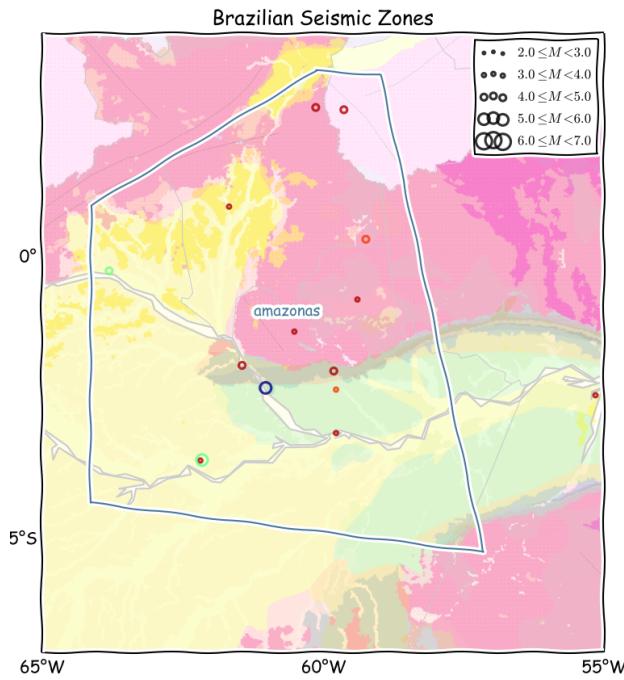


**Figura 3.9:** Zona sísmica do Acre. Dourado

Note que a escala de profundidade da figura 3.9 é diferente das demais que seguem a mesma escala da figura 3.5.

### 3.3.5 Amazonas

É a região com menor quantidade de conhecimento e informação disponível. Ainda assim, na figura 3.10 é possível observar a ocorrência de sismos na direção norte-sul.

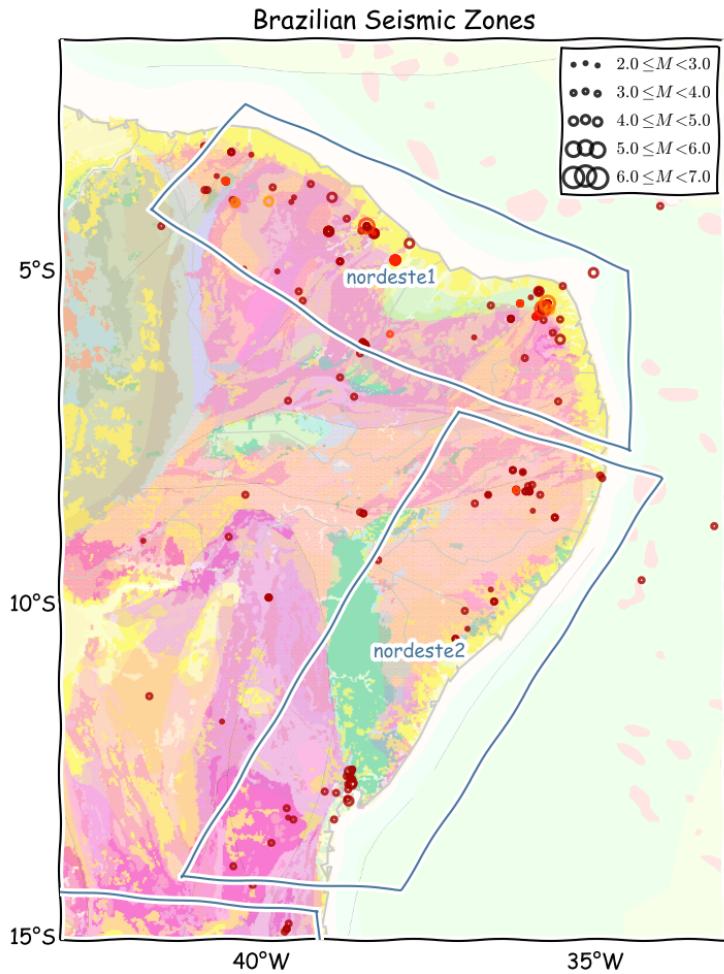


**Figura 3.10:** Zona sísmica de Manaus. Dourado

O registro de um sismo de magnitude 5 determinada por dados macrossísmicos, é o indício mais marcante na região.

### 3.3.6 Nordeste

A região nordeste brasileira é sismicamente a mais ativa (figura 3.11).



**Figura 3.11:** Zona sísmica do NE. Dourado

Destaca-se a sismicidade na região de João Câmara no Rio Grande do Norte, com um enxame sísmico em meados da década de 1980. Além disso são bem conhecidas as atividades sísmicas na região de Sobral-CE, na região de Pernambuco e um pouco mais ao sul já na Bahia.



# Capítulo 4

## Contexto Teórico

### 4.1 Apresentação

Este capítulo apresenta a formalização das teorias aplicadas na fase de processamento.

Trata-se essencialmente das [técnicas de suavização](#) que, em geral, permitem extrair feições importantes do conjunto de dados.

Quando aplicadas à caracterização das [fontes sísmicas](#) em [PSHA](#) tornam possível gerar um conjunto regular de [fontes sísmicas pontuais](#) singularmente definidas pela suavização das [taxas de sismicidade](#) nas células de uma malha regular.

### 4.2 Técnicas de suavização

A idéia, no fundo, é estimar a distribuição espacial da taxa anual de sismicidade  $R$  ou sua [pdf](#). O método mais simples conhecido para essa estimativa seria o histograma.

#### 4.2.1 Histograma 2D: uma possível função de densidade de probabilidade para a taxa de sismicidade

Numa malha regular a taxa anual de sismicidade em cada célula seria calculada contando, à partir de um catálogo com tempo de observação conhecido,

$$\frac{\text{o número observado de sismos na célula}}{\text{área/volume da célula} \times \text{número total de sismos observados}} / \text{tempo de observação em anos.} \quad (4.2.1)$$

Isso seria equivalente a preparar um histograma normalizado dos tremores em duas (ou três, considerando a profundidade) dimensões.

O que se busca, em geral, pelas técnicas de suavização é justamente suavizar essas contagens ou esse histograma normalizado que representa uma estimativa da função de densidade de probabilidade da taxa de ocorrência espacial de tremores.

#### 4.2.2 Regressão e Suavizadores

Para os  $n$  pares (célula, taxa de sismicidade)  $(x_1, R_1), (x_2, R_2), \dots, (x_n, R_n)$  obtidos pela contagem anterior, considere um modelo para a taxa de sismicidade  $R$  em uma determinada célula  $x_i$  a partir dessa amostra dado por

$$R(x_i) = \lambda(x_i) + \epsilon(x_i), \quad i = 1..n \quad (4.2.2)$$

onde os  $\epsilon_i$  são v.a. não-correlacionadas que representam os erros tais que  $E(\epsilon_i|X = x_i) = 0$  e a  $Var(\epsilon_i|X = x_i) = \sigma^2(x_i)$ . A função  $\lambda(x_i) = E(R_i|X = x_i)$  é uma função de regressão.

É possível definir um estimador ou suavizador linear  $\hat{\lambda}$  para  $\lambda$ , se para todo  $x \in \mathbb{R}$  existe uma sequência de pesos  $w_1(x), w_2(x), \dots, w_n(x)$  tais que  $\sum_{i=1}^n w_i(x) = 1$ , como sendo

$$\hat{\lambda}(x) = \sum_{i=1}^n w(x_i) R_i. \quad (4.2.3)$$

A questão passa a ser então como encontrar essa sequência de pesos  $w_i$ .

### 4.2.3 Função de Núcleo e Estimadores de Naradaya-Watson

Uma função de núcleo  $K$  (*Kernel*) é qualquer função par, contínua e limitada que satisfaz as seguintes propriedades:

$$(i) \int |K(\mathbf{r})| d\mathbf{r} < \infty \quad (ii) \lim_{|\mathbf{r}| \rightarrow \infty} |\mathbf{r} K(\mathbf{r})| = 0 \quad (iii) \int K(\mathbf{r}) d\mathbf{r} = 1.$$

Uma das possíveis maneiras de se encontrar os pesos  $w_i$  é o Estimador de Naradaya-Watson (REFERENCIA).

Seja  $h \in \mathbb{R}, h > 0$  e  $K$  uma função de núcleo. Naradaya e Watson propõem, para a estimativa 4.2.3, os pesos

$$w_i(x) = \frac{K\left(\frac{x-x_i}{h}\right)}{\sum_{j=1}^n K\left(\frac{x-x_j}{h}\right)}, \quad (4.2.4)$$

onde  $h$  é conhecida como largura de banda ou *bandwidth*.

### 4.2.4 Formas das funções de núcleo

Dentre as possíveis expressões para as funções de núcleo é relevante destacar nesse texto duas.

A equação 4.2.5 apresenta a expressão da função de núcleo gaussiana:

$$K_{gs}(\mathbf{r}|h) = \dot{\eta}(h) e^{-\frac{\|\mathbf{r}\|^2}{2h^2}}, \quad (4.2.5)$$

onde  $h$  é a largura de banda definida para a função de núcleo e  $\dot{\eta}(h)$  um fator de normalização para que sua integral seja igual à unidade.

Outra forma possível para a função de núcleo é uma Lei de Potência (*power-law*), que decai com o inverso do quadrado da distância, como na equação 4.2.6 a seguir:

$$K_{pl}(\mathbf{r}|h) = \frac{\ddot{\eta}(h)}{(\|\mathbf{r}\|^2 + h^2)^{\frac{3}{2}}}, \quad (4.2.6)$$

onde  $h$  é a largura de banda definida para a função de núcleo e  $\ddot{\eta}(h)$  um fator de normalização para que sua integral também seja igual à unidade.

Quaisquer dessas duas funções podem ser usadas como função de núcleo para os estimadores de Naradaya-Watson apresentados anteriormente.

### 4.2.5 Contribuição de uma função de núcleo bidimensional

É importante notar que há uma outra abordagem possível para a estimativa da taxa de sismicidade.

Se, em vez de suavizar o histograma do catálogo sísmico numa malha regular, a proposta for avaliar a contribuição em probabilidade pela pdf de cada tremor em uma determinada célula da malha, é possível considerar uma função de núcleo como a pdf da ocorrência de cada tremor, e, essa contribuição numa célula  $j$ , devido ao tremor  $i$  em  $\mathbf{r}_i$ , dada pela integral da função de núcleo na área/volume da célula:

$$R_j(\mathbf{r}_i|h) = \int_{\text{cell } j} K(\mathbf{r} - \mathbf{r}_i | h) d\mathbf{r}, \quad (4.2.7)$$

onde  $h$  é a largura de banda da suavização.

Em todos os casos apresentados, é fácil notar que, a determinação da largura de banda influencia diretamente a estimativa da taxa de sismicidade. Os métodos estudados aqui variam essencialmente na forma com que a escolha da largura de banda é concebida e proposta.

### 4.3 Frankel, 1995

A proposta de Arthur Frankel (REFERENCIA) foi usar uma largura de banda fixa, nomeada distância de correlação  $d_F$ , e aplicar o estimador de Naradaya-Watson (REFE-RENCEIA) para suavizar o histograma 2D da sismicidade utilizando uma função de núcleo gaussiana:

$$\tilde{n}_j = \frac{\sum_i n_i e^{-\left(\frac{d_{ij}}{d_F}\right)^2}}{\sum_i e^{-\left(\frac{d_{ij}}{d_F}\right)^2}}, \quad (4.3.1)$$

onde  $\tilde{n}_j$  é a taxa de sismicidade (número de sismos com magnitude  $m$  maior que a mínima magnitude  $M_d$  do catálogo) suavizada na célula  $j$ ,  $n_i$  é o número de sismos em cada outra célula  $i$  e  $d_{ij}$  é distância entre a célula  $i$  e a célula  $j$  na malha.

Zechar & Jordan (REFERENCIA) propuseram uma variação da abordagem de Frankel avaliando a contribuição de cada tremor  $i$  na célula  $j$  em vez de suavizar o histograma 2D, mas para isso é preciso avaliar essa contribuição como na equação 4.2.7.

### 4.4 Woo, 1996

Já Gordon Woo (REFEERENCIA) propôs avaliar a contribuição de uma função de núcleo de cada sismo  $i$  ocorrido em  $\mathbf{r}_i$  na célula centrada em  $\mathbf{r}$  que dependa também de sua magnitude  $m$ :

$$R(\mathbf{r}, m) = \sum_{i=1}^N \frac{K(\mathbf{r} - \mathbf{r}_i, m)}{T(\mathbf{r}_i)}, \quad (4.4.1)$$

onde  $N$  é o número de tremores  $i$  no catálogo e  $T(\mathbf{r}_i)$  é o período em que todo sismo de magnitude acima de  $m$  é completamente observado em  $\mathbf{r}_i$ .

A função de núcleo utilizada por Woo foi a proposta por Vere-Jones em 1992 (REFE-RENCEIA) para um domínio espacial infinito:

$$K_{vj}(\mathbf{r}, m | a_W) = \frac{a_W - 1}{\pi h(m)^2} \left(1 + \frac{\mathbf{r}^2}{h(m)^2}\right)^{-a_W}, \quad (4.4.2)$$

onde  $a_W$  é parâmetro fractal tipicamente entre 1.5 e 2 que gera um decaimento de 3<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> ordem na densidade de probabilidade com a distância epicentral.

Na ordem prática, o tempo computacional deve ser reduzido e é prudente utilizar uma variante limitada para a função de núcleo proposta por Vere-Jones:

$$K_{vj}(\mathbf{r}, m | D_W) = \begin{cases} \frac{D_W}{2\pi h(m)^2} \left( \frac{h(m)}{\mathbf{r}} \right)^{2-D_W} & \mathbf{r} \leq h(m) \\ 0 & \mathbf{r} > h(m) \end{cases}, \quad (4.4.3)$$

onde  $D_W$  é dimensão fractal dos epicentros  $D_W = 2 - a_W$ .

Para a largura de banda  $h(m)$ , nos dois casos, Gordon Woo propôs utilizar a relação

$$h(m | a_0, a_1) = a_0 e^{a_1 m}, \quad (4.4.4)$$

em que  $a_0$  e  $a_1$  são determinados pela regressão entre a distância média de cada tremor ao vizinho mais próximo  $h$  em cada faixa de magnitude  $m \pm dm$ . É uma largura de banda dependente da magnitude.

## 4.5 Helmstetter, 2012

O trabalho de Agnès Helmstetter e Maximilian Werner (REFERENCIA) é focado principalmente em projeção de longo-prazo para ocorrência de tremores/rupturas. O principal pressuposto dessa técnica (seção 2.5.1) é que nesse período a taxa de sismicidade se mantenha invariante.

### 4.5.1 Taxa de sismicidade

Para eles a taxa de sismicidade em uma localização  $\mathbf{r}$  e em um instante  $t$  em função dos tempos e localizações dos tremores  $i$  em um catálogo poderia ser expresso por

$$R(\mathbf{r}, t) = \sum_{i=1}^N \frac{1}{h_i d_i^2} K_t \left( \frac{t - t_i}{h_i} \right) K_r \left( \frac{\|\mathbf{r} - \mathbf{r}_i\|}{d_i} \right), \quad (4.5.1)$$

onde  $R(\mathbf{r}, t)$  é taxa de sismicidade na localização  $\mathbf{r}$  e no instante  $t$ ,  $K_t$  é a função de núcleo na dimensão do tempo, onde  $t_i$  é a localização temporal do tremor  $i$  e  $h_i$  é a largura de banda temporal para o tremor  $i$ ,  $K_r$  é a função de núcleo na dimensão do espaço, onde  $\mathbf{r}_i$  é a localização espacial do tremor  $i$  e  $d_i$  é a largura de banda espacial para o tremor  $i$ .

Como seu interesse é em projeção, restringiram os tempos do catálogo aos  $t_i < t$  e ponderaram segundo um peso  $w$  da seguinte maneira:

$$R(\mathbf{r}, t) = R_{min} + \sum_{t_i < t} \frac{2w(\mathbf{r}_i, t_i)}{h_i d_i^2} K_t \left( \frac{t - t_i}{h_i} \right) K_r \left( \frac{\|\mathbf{r} - \mathbf{r}_i\|}{d_i} \right), \quad (4.5.2)$$

onde  $R_{min}$  é a mínima taxa de sismicidade, positiva, permitindo que ocorram eventos-surpresa onde não se tem registro de sismicidade.

Os pesos  $w(\mathbf{r}_i, t_i)$ , calculados em cada tremor  $i$ , propostos por Helmstetter são a transformação de Gutenberg-Richter. Consideraram uma contribuição maior para a taxa de sismicidade daqueles sismos que ocorreram onde e quando a magnitude de completude  $M_c$  era maior que a mínima magnitude  $M_d$  do catálogo em locais onde a magnitude do completude e o valor-b variaram. Note que o modelo de pesos acomoda bem variações espaciais e temporais

tanto da magnitude de completude como do valor-b. A expressão é a seguinte:

$$w(\mathbf{r}, t) = 10^{\textcolor{blue}{b}(\mathbf{r}, t)[M_c(\mathbf{r}, t) - \textcolor{blue}{M}_d]}, \quad (4.5.3)$$

onde  $w$  é o peso na localização  $\mathbf{r}$  e no instante  $t$ ,  $\textcolor{blue}{b}(\mathbf{r}, t)$  é o valor-b (corresponde à proporção de sismos pequenos e grandes, geralmente em torno de 1),  $M_c(\mathbf{r}, t)$  é a magnitude de completude na localização  $\mathbf{r}$  e no instante  $t$ ,  $M_d$  é a valor mínimo de magnitude no catálogo.

#### 4.5.2 Método acoplado dos vizinhos mais próximos

Em sismologia, as funções de núcleo no espaço e no tempo são usualmente estimadas pela distância entre cada tremor e seu  $k^{simo}$  vizinho mais próximo.

A definição de cada  $h_i$  e  $d_i$  é feita por otimização, pelo método acoplado do  $k^{simo}$  vizinho mais próximo proposto por Choi and Hall, 1999 (REFERENCIA) com uma modificação para a função de núcleo temporal assimétrica.

Para cada tremor  $i$ , as larguras de banda  $h_i$  e  $d_i$  são escolhidas para minimizar a soma  $h_i + a_{cnn} d_i$  sob a condição de que hajam ao menos  $k_{cnn}$  eventos à uma distância espacial menor que  $d_i$  e, simultaneamente, estejam no intervalo de tempo  $[t_i - h_i, t_i]$ . O parâmetro  $k_{cnn}$  controla a suavização geral do modelo, e  $a_{cnn}$  controla a importância relativa entre o tempo e o espaço. Valores altos de  $a_{cnn}$  apresentam alta resolução espacial e, ao mesmo tempo, são mais suaves no domínio do tempo. Em outras palavras:

$$h_i, d_i = \arg \min_{\substack{h_i \geq \textcolor{blue}{h}_k \\ d_i \geq \textcolor{blue}{d}_k}} [s(h_i, d_i | \textcolor{blue}{k}_{cnn}, a_{cnn}) := h_i + \textcolor{blue}{a}_{cnn} d_i], \quad (4.5.4)$$

onde  $k_{cnn}$  é o  $k^{simo}$  vizinho mais próximo,  $a_{cnn}$  é o acoplamento espaço-temporal,  $d_k$  é o  $\max \{d_j\}, j = 1..k_{cnn}$  e  $\textcolor{blue}{h}_k$  é o  $\max \{h_j\}, j = 1..k_{cnn}$ .

As larguras de bandas são escolhidas localmente, podendo ser menor, aumentando a resolução onde há maior densidade de informação, ou crescer onde há escassez de informação e menor resolução.

#### 4.5.3 Taxa de sismicidade estacionária

Mesmo havendo modelado a dependência com o tempo para distribuição da taxa de sismicidade, a taxa estacionária  $\bar{R}$  que se preserva no longo-prazo em uma determinada localização  $\mathbf{r}_0$  é a que mais interessa à PSHA e será o valor da mediana da taxa fornecida pelo modelo no período considerado:

$$\bar{R}(\mathbf{r}_0) = \text{Mediana}[R(\mathbf{r}_0, t)]. \quad (4.5.5)$$

O fato de se tomar a mediana faz com que variações na taxa de sismicidade devido a pré e pós-eventos não interfiram significativamente no valor da taxa estacionária. A decorrência mais importante desse fato é que o método dispensa a remoção de agrupamentos (seção ?? VER SECAO) do catálogo, um método paramétrico e quase sempre controverso.

#### 4.5.4 Verossimilhança

Para otimizar os parâmetros do modelo de Helmstetter, é preciso dividir o catálogo de sismos. Uma parte serve para o aprendizado do modelo e a outra para avaliação.

Se a ocorrência de tremores pode ser modelada por um processo de Poisson com taxa  $N_p$ , então a probabilidade de se observar exatamente  $n$  eventos no período de tempo considerado é dada por

$$p(N_p, n) = \frac{N_p^n e^{-N_p}}{n!}. \quad (4.5.6)$$

E o logarítmico, a ser maximizado, da verossimilhança entre o que o modelo predisse e o que foi observado pode ser escrito como

$$L = \sum_{i_x=1}^{N_x} \sum_{i_y=1}^{N_y} \log p [N_p(i_x, i_y), n(i_x, i_y)] \quad (4.5.7)$$

onde  $N_p(i_x, i_y)$  é taxa de sismicidade prevista pelo modelo para a célula  $(i_x, i_y)$ ,  $n(i_x, i_y)$  é número de eventos observados na célula  $(i_x, i_y)$ .

Os parâmetros  $R_{min}$ ,  $a_{cnn}$  e  $k_{cnn}$  do modelo são otimizados pela maximização da verossimilhança  $L$ .

#### 4.5.5 Ganho

Uma distribuição de Poisson espacialmente uniforme para a sismicidade com taxa  $N_u$  teria sua verossimilhança  $L_u$  expressa por

$$L_u = -N_t + \sum_{i_x=1}^{N_x} \sum_{i_y=1}^{N_y} n(i_x, i_y) \log N_u - \log [n(i_x, i_y)!] \quad (4.5.8)$$

onde  $N_u = N_t/N_c$  com  $N_t$  o número de sismos no catálogo-alvo e  $N_c$  o número de células,

O ganho de probabilidade  $G$  por tremor predito no catálogo-alvo (de teste) sobre o que seria predito por uma distribuição espacialmente uniforme foi definido por (KAGAN, KNOPOFF, 1977) como

$$G = e^{\frac{L-L_u}{N_t}}. \quad (4.5.9)$$

Quando se compara dois modelos frente o mesmo catálogo-alvo, com a mesma quantidade de tremores  $N_t$ , a equação 4.5.9 pode ser simplificada, pois

$$\begin{aligned} L - L_u &= \sum_{i_x=1}^{N_x} \sum_{i_y=1}^{N_y} n(i_x, i_y) \log \left[ \frac{N_p(i_x, i_y)}{N_u} \right] \\ &= \sum_{i=1}^{N_t} \log \left[ \frac{N_p(i)}{N_u} \right] \end{aligned} \quad (4.5.10)$$

e o ganho  $G$  do modelo passa a ser o mesmo que média geométrica da taxa prevista pelo modelo sobre a taxa uniforme em todas as células:

$$\begin{aligned} G &= e^{\sum_{i=1}^{N_t} \frac{\log[N_p(i)/N_u]}{N_t}} \\ &= \langle N_p(i)/N_u \rangle_{geom} \end{aligned} \quad (4.5.11)$$

onde  $\langle \cdot \rangle_{geom}$  significa média geométrica.

#### 4.5.6 Testes

Helmstetter *et al* usam os testes propostos por Rhoades et al (2011) REFERENCIA para comparar diferentes modelos.

O teste-T avalia quando o ganho de informação de um modelo é significativamente diferente de um outro.

Para isso as taxas preditas pelos modelos são re-normalizadas para que o valor da taxa de sismicidade prevista pelos modelos seja igual à taxa observada.

Sendo  $N_A(i)$  a taxa de sismicidade em  $i$  predita pelo modelo  $A$  e  $N_B(i)$  a taxa de sismicidade em  $i$  predita pelo modelo  $B$ , o ganho de informação  $I$  por tremor, definido por Rhoades 2011 REFERENCIA, se reduz à

$$I(A, B) = \frac{1}{N_t} \sum_{i=1}^{N_t} \log \left[ \frac{N_A(i)}{N_B(i)} \right]. \quad (4.5.12)$$

O ganho de informação  $I$  se relaciona com o ganho dos modelos (eq. 4.5.9) por

$$I = \log \left( \frac{G_A}{G_B} \right). \quad (4.5.13)$$

A variância da amostra de Rhoades apresentada por Helmstetter é

$$\sigma^2(x_i) = \frac{1}{N_t - 1} \left( \sum_{i=1}^{N_t} x_i^2 \right) - \frac{1}{N_t^2 - N_t} s \left( \sum_{i=1}^{N_t} x_i \right)^2, \quad (4.5.14)$$

onde  $x_i = \log [N_A(i)/N_B(i)]$ .

Seja o valor  $T_s$  também definido por Rhoades e apresentado por Helmstetter

$$T_s = \frac{I\sqrt{N_t}}{\sigma}. \quad (4.5.15)$$

Se  $x_i$  é independente e tem distribuição normal, então  $T_s$  deve ter distribuição de Student com  $N_t - 1$  graus de liberdade. Para grandes valores de  $N_t$  a distribuição converge rapidamente para a normal.

O valor do ganho de informação é considerado significante se  $T_s > 2$  no intervalo de 95% de confiança.

O teste de Wilcoxon (Siegmund, 1956) REFERENCIA é usado no caso de que  $x_i$  não tenha distribuição normal mas permanece simétrica e independente (Rhoades 2011) REFERENCIA. Esse teste avalia o quanto a mediana de  $x_i$  difere significativamente de zero. Isso é o mesmo que avaliar o quanto a taxa prevista por um modelo é significativamente diferente da prevista por outro modelo.

A probabilidade  $p_W$  de se observar um valor maior que a mediana de  $x_i$  é retornada pelo teste. Valores de  $p_W < 0.05$  indicam que a mediana de  $x_i$  é significativamente diferente de 0.



# Capítulo 5

## Metodologia e Processamento

Esse capítulo apresenta como as teorias do capítulo anterior foram utilizadas para obtenção dos resultados que serão discutidos no próximo capítulo.

### 5.1 Conjunto de Dados

Os dados utilizados foram os dados do catálogo International Seismological Centre (ISC)-Global Earthquake Model (GEM) (REFERENCIA) para a América do Sul e os dados do Boletim Sísmico Brasileiro (BSB) (REFERENCIA) para o Brasil.

O dados são texto e formatados em arquivos de Valores Separados por Vírgulas (CSV)-UTF-8.

#### 5.1.1 Catálogo ISC-GEM

O catálogo ISC-GEM versão XXX possui licença CC-BY-SA e é fruto da redeterminação de parâmetros dos terremotos com os dados disponíveis no ISC-GEM e de um detalhado estudo para que ao menos um valor de magnitude estivesse disponível com incertezas.

#### 5.1.2 Boletim Sísmico Brasileiro

O BSB, versão 2013.08 possui licença CC-BY e é fruto do esforço de compilação de dados e determinação de epicentros e magnitudes que contou com a colaboração de várias instituições como o Observatório Sismológico (ObSis) da Universidade de Brasilia (UnB), o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), a Universidade Estatual Paulista (UNESP), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) liderados pelo Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da Universidade de São Paulo (USP).

### 5.2 Ferramentas

As ferramentas utilizadas para as análises e cálculos apresentados nesse texto foram de código aberto. Utilizou-se o Latex para a edição do texto, o software de processamento de dados geoespacial QGIS, o console do Linux BASH, a IDE Eclipse, o git/GitHub para o controle de versao,

O iPython como console interativo, a Matplotlib e Basemap para o gráficos, a SciPy para um conjunto de funções científicas e estatísticas, a shapely e gdal para lidar com objetos com atributos geométricos.

### 5.2.1 Linguagens de Programação

A principal linguagem de programação utilizada foi Python.

Os códigos-fonte dos modelos de Woo e de Helmstetter foram providos pelos autores e estão em Fortran. O método de Frankel estava disponível em Python.

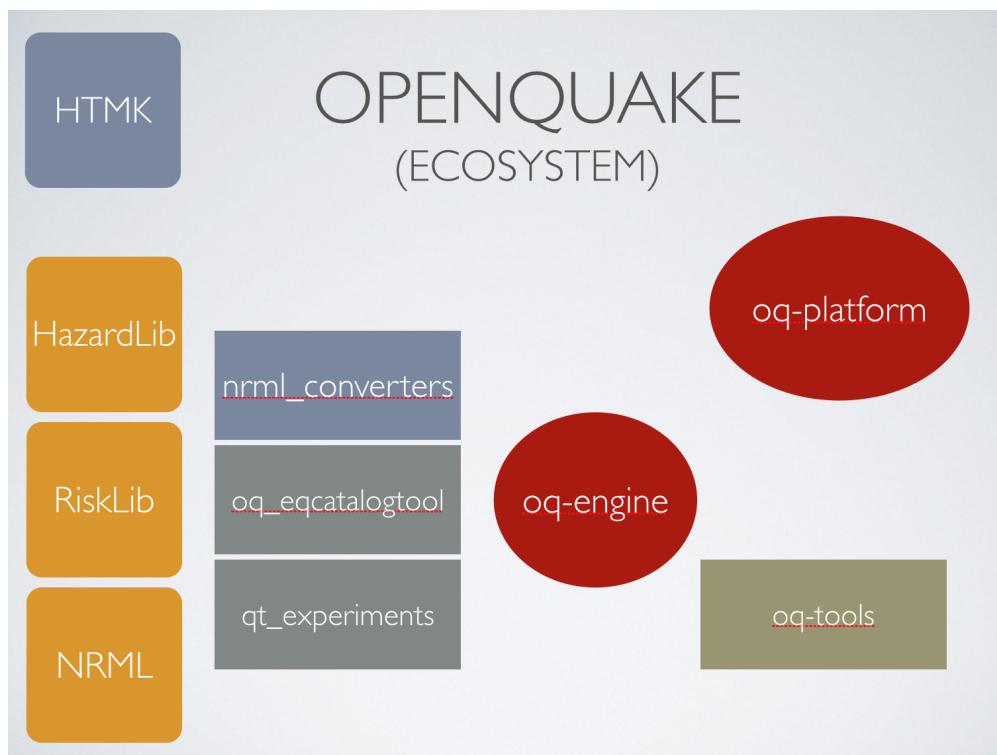
### 5.2.2 Programas de Computador

O programa mais comum para esse tipo de análise costuma ser o CRISIS nas suas mais diversas versões. Como nesse trabalho a opção foi por código aberto, poderia ter se optado pelo [Open Source Seismic Hazard Analysis \(openSHA\)](#) que é escrito em Java.

A intenção no entanto foi provar o conjunto de tecnologias mantido pela Fundação GEM que para o cálculo de ameaça e risco sísmico que é o [OpenQuake \(OQ\)](#).

O código do [OQ](#) está abertamente disponível para consulta e clonagem no GitHub.

O ecossistema do [OQ](#) é ilustrado na figura a seguir:



**Figura 5.1:** Ecossistema de módulos, bibliotecas e utilitários do OpenQuake

O destaque em vermelho na figura 5.1 fica para o Motor de Cálculo do OQ ([oq-engine](#)) que executa as simulações de cada tronco da arvore-lógica e as usa para calcular o cenário de risco e armazenar o resultado. Faz isso distribuindo o processamento em tarefas e permitindo escalar o cálculo.

A Plataforma *web* de Interação com o OQ ([oq-platform](#)) permite interagir com os dados armazenados e gerenciados na nuvem, como catálogos, falhas, dados de esforços, fontes sísmogênicas e suas geometrias usados em cálculos de ameaça/risco. Permite também interagir com o resultado do cálculo, visualizando mapas de ameaça e curvas de intensidade.

### 5.2.3 Bibliotecas de Funções

Em amarelo na figura 5.1 está biblioteca a [Biblioteca de Ameaça \(HazardLib\)](#) que contém toda lógica e ciência para o cálculo de ameaça, como os tipos de fontes sísmogênicas, as [MFD](#), as [GMPEs](#), etc.

Está também a [Biblioteca de Risco \(RiskLib\)](#) que contém os modelos de vulnerabilidade e exposição para a análise de risco.

E por último, a [Natural-hazard and Risk Markup Language \(NRML\)](#) que é a sintaxe da linguagem de representação das árvores-lógicas, fontes sísmicas e resultados, como mapas de risco, espectro de alguma medida de intensidade, etc.

### 5.2.4 Implementações e Novos Códigos

Incluido no suporte da Fundação [GEM](#) está a manutenção de um Comitê Científico que desenvolve ferramentas auxiliares adicionais como conversores, ferramentas para trabalho com o catálogo, ferramentas gráficas, entre outras para interação com o [OQ](#) como pode ser visto na figura 5.1 em azul, cinza e bege.

Uma dessas ferramentas em especial é o [Hazard Modeller's Toolkit \(HMTK\)](#) que facilita todo o processo de modelagem da [PSHA](#) como a remoção de agrupamentos, a caracterização de zonas sísmicas, a visualização da evolução da taxa de sismicidade, a análise da magnitude de completude e estimativa do valor-b.

O HMTK já trazia um módulo para trabalhar com a sismicidade que usava as [técnicas de suavização](#) implementando o método de Frankel, 1995 (REFERENCIA). E é na [HMTK](#) que se pretende contribuir com a implementação dos métodos de Woo e de Helmstetter.

## 5.3 Pré-Processamento

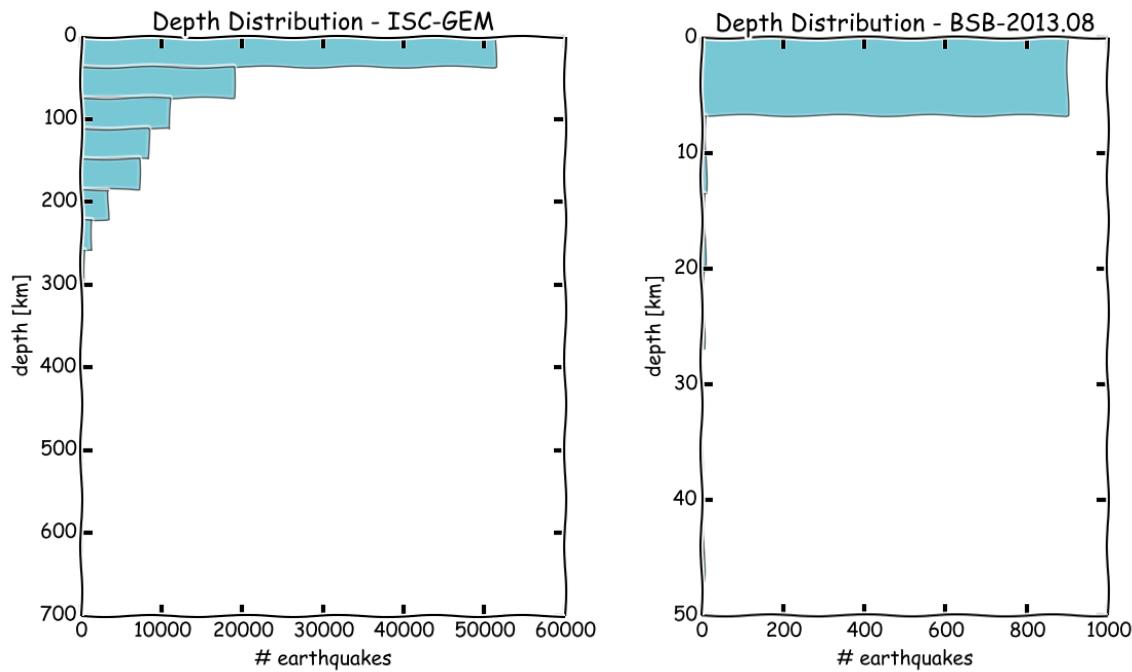
Para aplicar as [técnicas de suavização](#) no conjunto de dados é necessário alguns primeiros passos. É disso que trata essa seção.

### 5.3.1 Controle de Qualidade

A primeira coisa a se fazer no conjunto de dados é uma primeira checagem da qualidade.

Nessa hora é preciso observar se não há pontos com coordenadas erradas, invertidas, faltando valores de dias ou horas.

É recomendado também fazer uma varredura em busca de artefatos no catálogo (REFERENCIA CORSSA). Isso é feito com, por exemplo, um histogramas do dia da semana da ocorrência dos tremores em busca de algum descréscimo em fins de semana que seriam um provável indicativo de contaminação do catálogo por atividade de pedreiras. Outros exemplos são fazer um histograma para estimar a distribuição do horário de ocorrência durante o dia, ou mesmo da profundidade para estimar a resolução do catálogo nesse quesito.



**Figura 5.2:** Histogramas da Profundidade (em Km) dos Tremores

### 5.3.2 Remoção de agrupamentos

A maior parte dos modelos de sismicidade estudados aqui assumem que a ocorrência de tremores segue um processo de Poisson.

Mas sabe-se que os predecessores e sucessores de tremores principais não são independentes. E o aumento do número de sismos pouco antes e pouco depois de um grande tremor contamina o catálogo com mais sismos do que seriam realmente esperados se fossem independentes.

Existem outros modelos que usam exatamente essa variação das taxas de sismicidade com o tempo para fazerem projeções de curto-prazo.

O processo de remoção de agrupamentos (*declustering*) REFERENCIA CORSSA busca dentro de uma janela, de espaço-tempo como função da magnitude, os sismos e os considera como um único sismo mais expressivo removendo os demais.

Aqui o processo de remoção de agrupamentos foi feito pela técnica de Reasemberg (REFERENCIA) com parâmetros (XXXX).

### 5.3.3 Conversão de Magnitudes

Para que a magnitude dos tremores possam ser analizadas em termos do momento sísmico e do tamanho da ruptura que geram é preciso que os sismos do catálogo apresentem pelo menos um valor para a magnitude.

No catálogo do ISC-GEM isso é assunto resolvido, mas no caso do BSB a maior parte das magnitudes são regionais  $m_R$  que se assemelham às magnitudes  $m_b$  ou magnitudes estimadas a partir de dados macrossísmicos. Nos dois casos é preciso avaliar funções que relacionem os vários valores de magnitude e .

As relações de magnitude usadas no BSB nesse trabalho foram:

bls  
bla

bal

### 5.3.4 Análise da Magnitude de Completude

O método disponível no HMTK é o de Stepp, 1972 (REFERENCIA). Que permite obter uma tabela de completude do catálogo.

FIGURA  
EXPLICAR

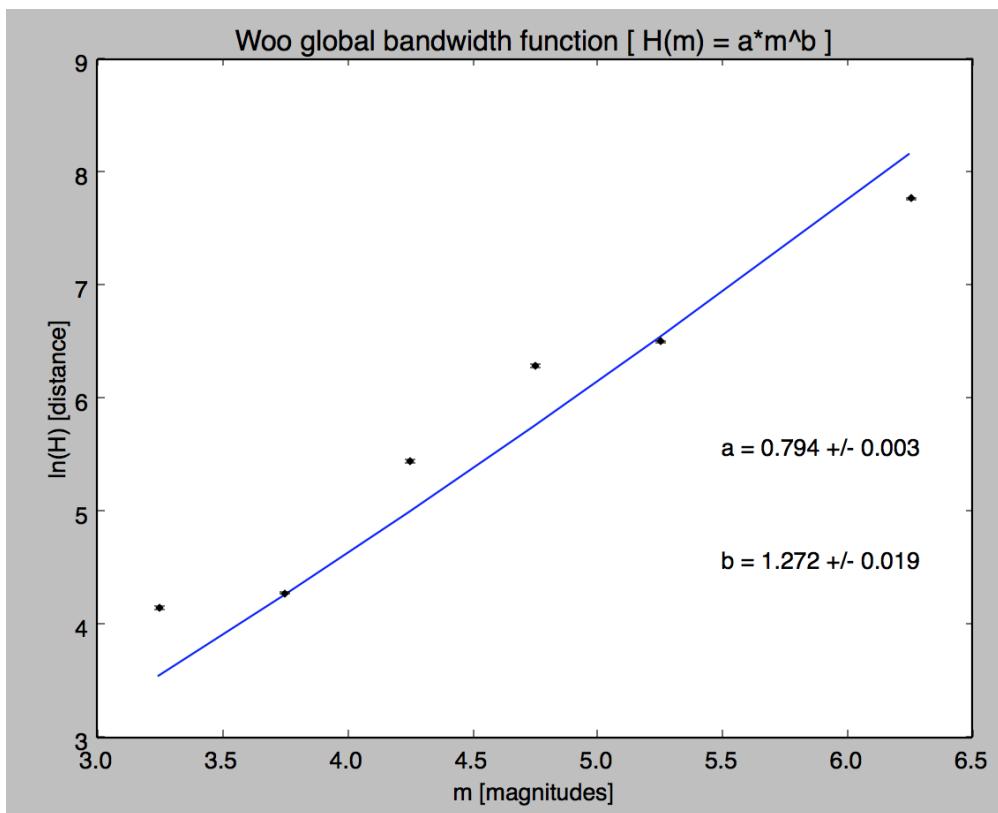
## 5.4 Frankel, 1995

Para o processamento pelo método de Frankel, utilizou-se o catálogo com os agrupamentos removidos, e uma distância de correlação de 150km devido à escala aplicada no contexto brasileiro.

## 5.5 Woo, 1996

O processamento pelo método de Woo também foi feito com a remoção dos agrupamentos no catálogo.

A largura de banda dependente da magnitude é ajustada pelo próprio método. A figura 5.3 apresenta a ajuste para o BSB:



**Figura 5.3:** Ajuste da largura de banda para o método de Woo 1996

Esse ajuste é consistente com os ajustes apresentados por Beauval (REFERENCIA) para a França e Noruega.

## 5.6 Helmstetter, 2012

Utilizou-se, para a projeção da taxa de sismicidade, como catálogo de teste um filtro para o catálogos o período 1950-2007. Os sismos de 2007-2012 juntamente com os sismos ocorridos antes de 1950 foram colocados no catálogo-alvo. A escolha por colocar os sismos anteriores à 1950 no catálogo se deve à estabilidade da crosta no Brasil e da pouca capacidade histórica de observação, esses poucos sismos trazem informações importantes sobre essas fontes sísmicas que não aparecem no catálogo no período escolhido para a aprendizagem.

Para a aprendizagem foram utilizados sismos com magnitudes acima de 3.5 buscando projeções para sismos com magnitudes acima de 4.5.

## 5.7 Pós-Processamento

Como o objetivo desse trabalho é a caracterização das fontes sísmicas, o cálculo da ameaça pelo método clássico propriamente dito e da desagregação acabam figurando como etapas de pós-processamento

### 5.7.1 Análise Probabilística de Ameaça Sísmica

O cálculo da [PSHA](#) foi feito a partir de uma malha de  $1^\circ \times 1^\circ$  graus de fontes pontuais.

Cada uma das fontes foi caracterizada por uma [MFD](#) truncada com magnitude mínima de 3.0 e máxima de 7.0. O valor-b utilizado foi de 1.0. O valor-a foi determinado pelas [técnicas de suavização](#) correspondente e quando disponível a partir de uma magnitude  $m > m_{min}$  foi utilizada a transformação de para extrair o valor-a para magnitudes  $m > 0$ .

Nas fontes fornecidas como entrada pra o cálculo, a profundidade mínima e máxima de ruptura foi respectivamente 0 e 30 km, e a orientação da ruptura foi arbitrariamente definida como vertical Norte-Sul.

Além das fontes, a árvore lógica do cálculo de ameaça usa as [GMPEs](#) de Toro, tanto as de 1997 como de 2002, com 50% de peso para cada uma.

### 5.7.2 Cálculo da Desagregação

AINDA NAO FOI FEITA

# Capítulo 6

## Resultados

Os resultados obtidos através do processamento metodológico serão enumerados a seguir.

## 6.1 Resultados Anteriores

### 6.1.1 GSHAP

### 6.1.2 Zoneamento Sísmico

Cornell & McGuire !?!

Dourado, 2014

Na Figura 6.1 a ameaça sísmica calculada com o programa Crisis-v2007.

Os valores em gal [ $cm/s^2$ ]) foram convertidos para unidades de  $g$  [ $m/s^2$ ].

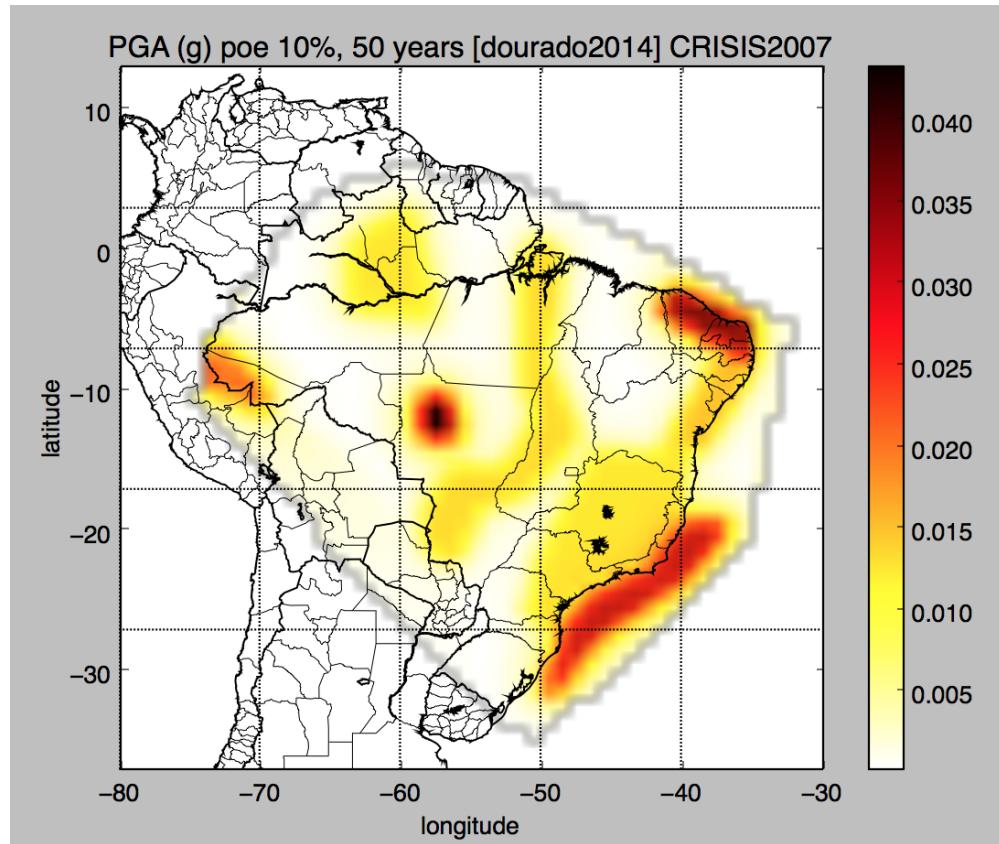
Na Figura 6.2 é apresentado o resultado do zoneamento sísmico feito por Dourado, 2014, calculado com o oq-engine.

Podemos observar que...

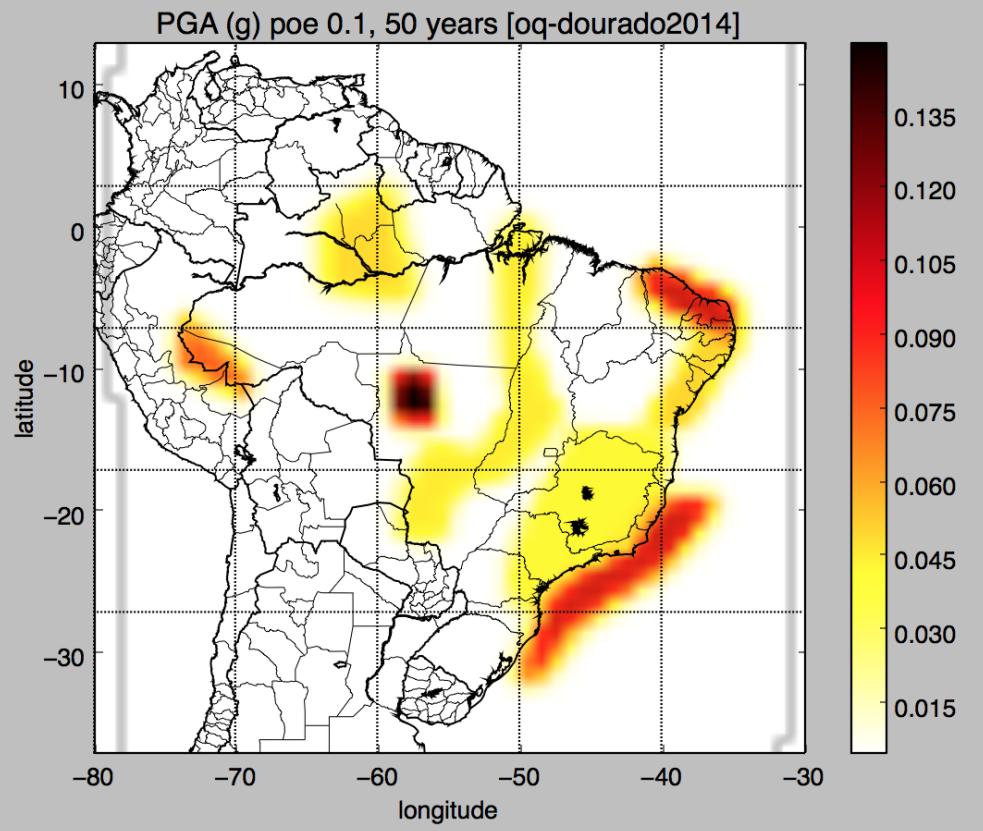
## 6.2 Suavização da Sismicidade

Dentre os métodos de suavização que foram investigados, são apresentados os seguintes resultados.

bla bla bla bla bla bal. bla bla bla bla bla bal.



**Figura 6.1:** Seismic Rate:  $a(m > M_{min} = 0)$  [Dourado, 2014, Crisis-2007]

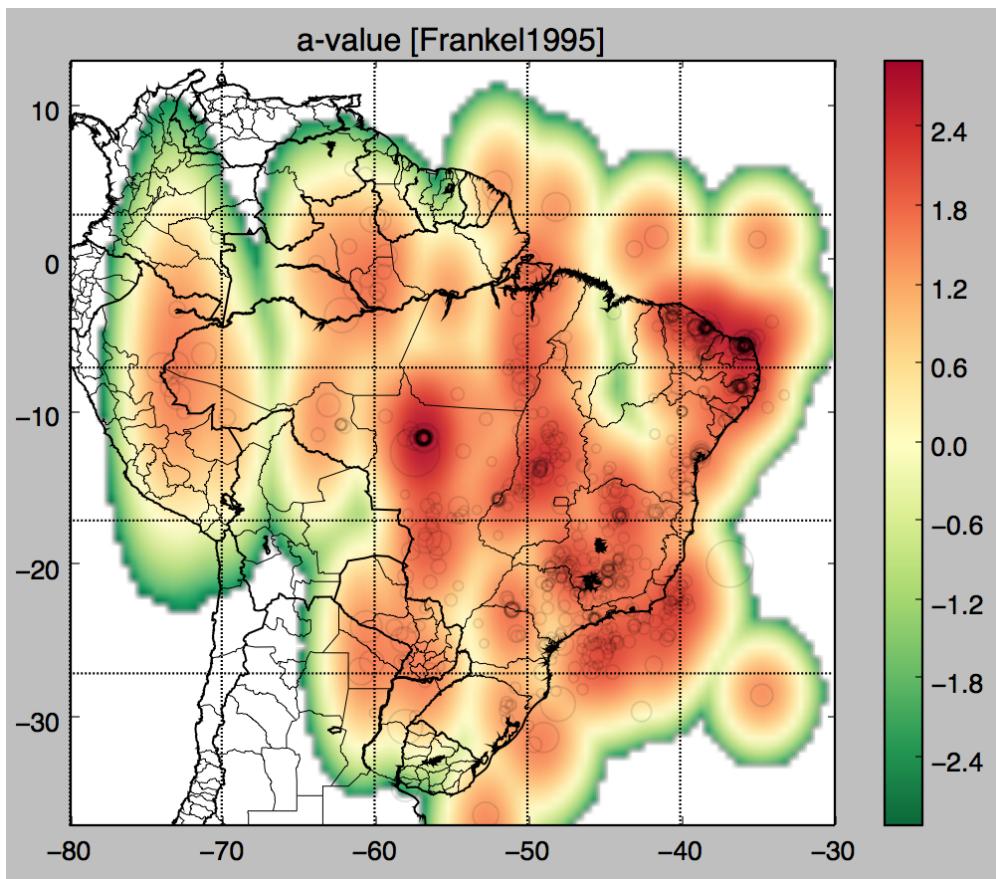


**Figura 6.2:** Seismic Hazard:  $PGA(poe 0.1, 50y)$  [Dourado, 2014] OpenQuake-Engine

### 6.2.1 Frankel, 1995

bla bla bla bla bla bal. bla bla bla bla bla bal.

O método de suavização proposto por Frankel, 1995, resultou na seguinte taxa de sismicidade observada na figura 6.3.



**Figura 6.3:** Seismic Rate:  $a(m > M_{min} = 0)$  [Frankel, 1995]

Em seguida, na figura 6.4, se pode observar os valores da ameaça sísmica.

bla bla bla bla bla bal. bla bla bla bla bla bal.

Os resultados...

bla bla bla bla bla bal. bla bla bla bla bla bal.

### 6.2.2 Woo, 1996

bla bla bla bla bla bal. bla bla bla bla bla bal.

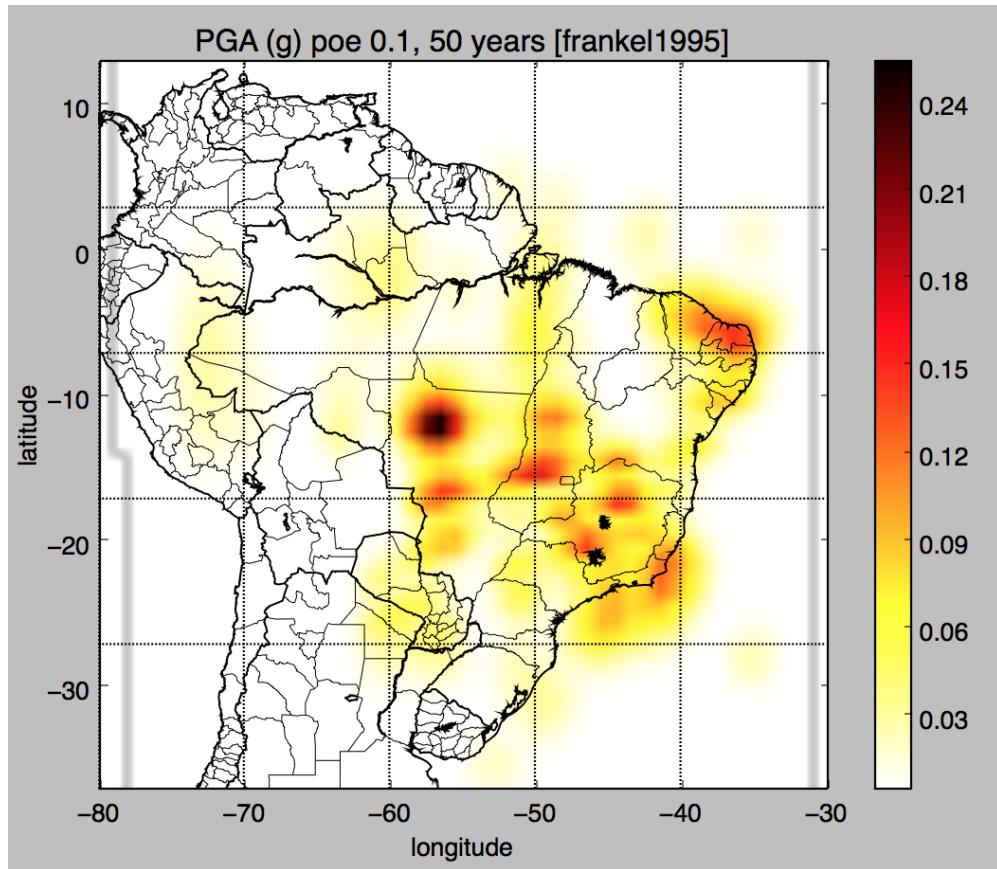
Aplicando o método de Woo, na Figura 6.5 temos:

bla bla bla bla bla bal. bla bla bla bla bla bal.

A ameaça pode ser vista na figura 6.6:

Podemos observar...

bla bla bla bla bla bal. bla bla bla bla bla bal.



**Figura 6.4:** *Seismic Hazard: PGA(poe 0.1, 50y)[Frankel, 1995]*

### 6.2.3 Helmstetter, 2012

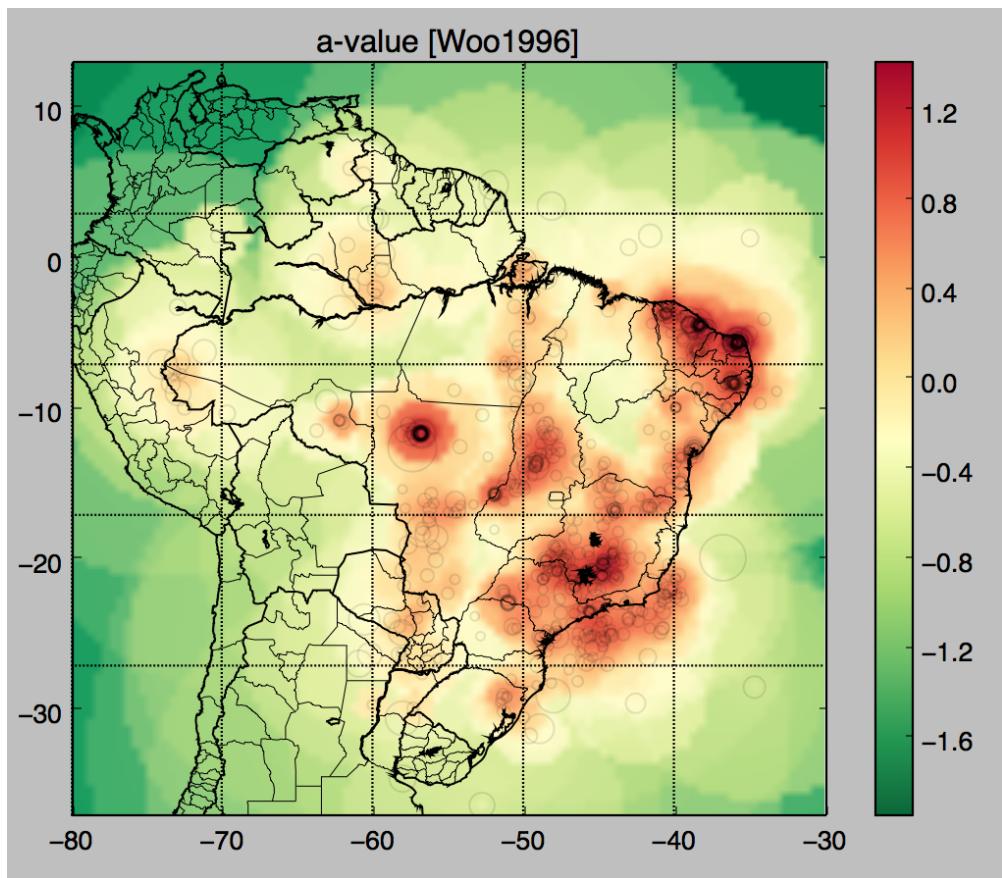
bla bla bla bla bla bal. bla bla bla bla bal.

Usando o método proposto por Helmstetter para a taxa de sismicidade de longo-prazo temos na figura 6.7 a seguinte taxa de sismicidade:

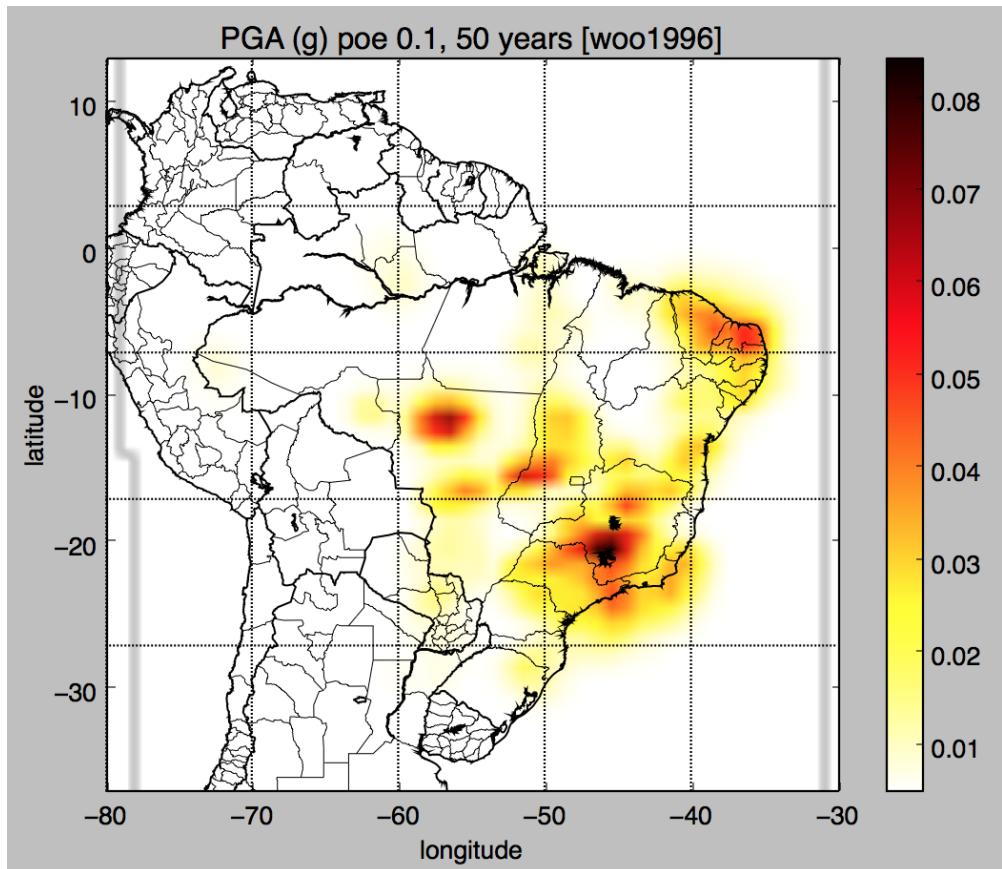
bla bla bla bla bla bal. bla bla bla bla bal.

E, na figura 6.8 o respectivo mapa de ameaça:

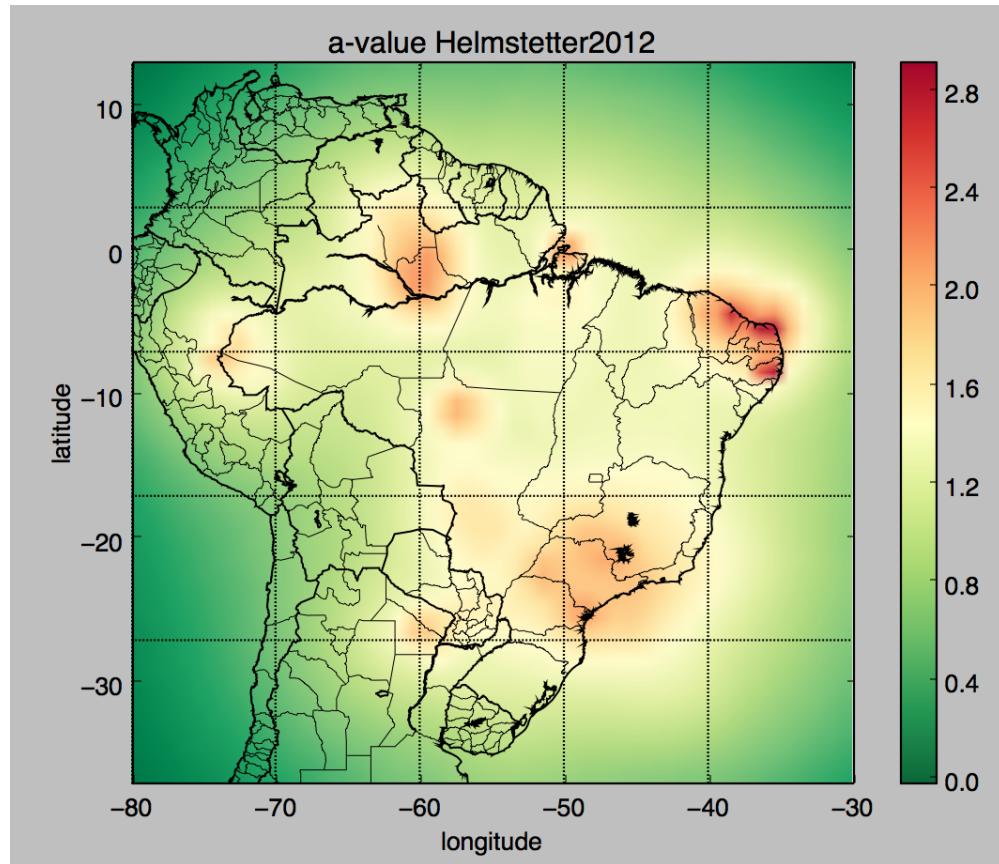
Podemos observar que...



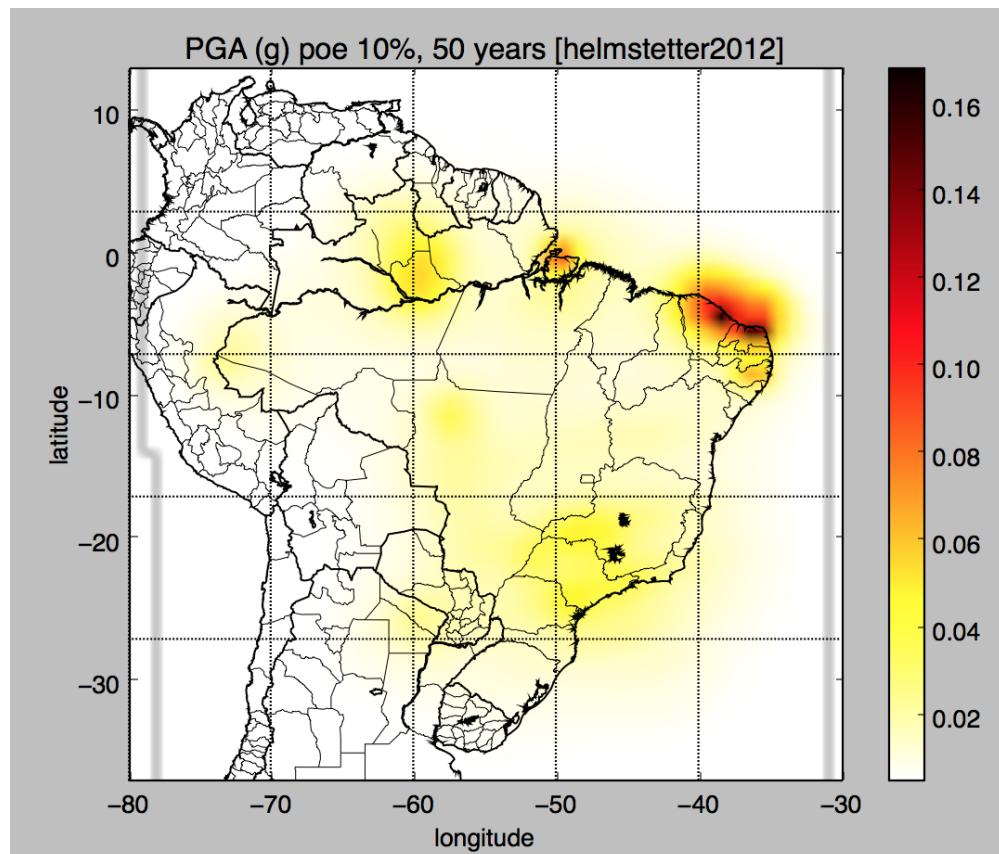
**Figura 6.5:** Seismic Rate:  $a(m > M_{min} = 0)$  [Woo, 1996]



**Figura 6.6:** Seismic Hazard:  $PGA(poe\ 0.1,\ 50y)$ [Woo, 1996]



**Figura 6.7:** Seismic Rate:  $a(m > M_{min} = 0)$  [Helmstetter, 2012]



**Figura 6.8:** Seismic Hazard:  $PGA(po e 0.1, 50y)$ [Helmstetter2012]

# Capítulo 7

## Conclusões

Texto texto<sup>1</sup>.

### 7.1 Considerações Finais

Texto texto.

### 7.2 Sugestões para Pesquisas Futuras

- comparação do ganho entre os modelos de Frankel, Woo, Helmstetter.
- melhoria da Magnitude Completeness e B-value
- 

Texto texto.

---

<sup>1</sup>Exemplo de referência para página Web: [www.vision.ime.usp.br/~jmena/stuff/tese-exemplo](http://www.vision.ime.usp.br/~jmena/stuff/tese-exemplo)



# Apêndice A

## Sequências

Texto texto.

Limiar	MGWT			AMI			Spectrum de Fourier			Características espetrais		
	<i>Sn</i>	<i>Sp</i>	<i>AC</i>	<i>Sn</i>	<i>Sp</i>	<i>AC</i>	<i>Sn</i>	<i>Sp</i>	<i>AC</i>	<i>Sn</i>	<i>Sp</i>	<i>AC</i>
1	1.00	0.16	0.08	1.00	0.16	0.08	1.00	0.16	0.08	1.00	0.16	0.08
2	1.00	0.16	0.09	1.00	0.16	0.09	1.00	0.16	0.09	1.00	0.16	0.09
2	1.00	0.16	0.10	1.00	0.16	0.10	1.00	0.16	0.10	1.00	0.16	0.10
4	1.00	0.16	0.10	1.00	0.16	0.10	1.00	0.16	0.10	1.00	0.16	0.10
5	1.00	0.16	0.11	1.00	0.16	0.11	1.00	0.16	0.11	1.00	0.16	0.11
6	1.00	0.16	0.12	1.00	0.16	0.12	1.00	0.16	0.12	1.00	0.16	0.12
7	1.00	0.17	0.12	1.00	0.17	0.12	1.00	0.17	0.12	1.00	0.17	0.13
8	1.00	0.17	0.13	1.00	0.17	0.13	1.00	0.17	0.13	1.00	0.17	0.13
9	1.00	0.17	0.14	1.00	0.17	0.14	1.00	0.17	0.14	1.00	0.17	0.14
10	1.00	0.17	0.15	1.00	0.17	0.15	1.00	0.17	0.15	1.00	0.17	0.15
11	1.00	0.17	0.15	1.00	0.17	0.15	1.00	0.17	0.15	1.00	0.17	0.15
12	1.00	0.18	0.16	1.00	0.18	0.16	1.00	0.18	0.16	1.00	0.18	0.16
13	1.00	0.18	0.17	1.00	0.18	0.17	1.00	0.18	0.17	1.00	0.18	0.17
14	1.00	0.18	0.17	1.00	0.18	0.17	1.00	0.18	0.17	1.00	0.18	0.17
15	1.00	0.18	0.18	1.00	0.18	0.18	1.00	0.18	0.18	1.00	0.18	0.18
16	1.00	0.18	0.19	1.00	0.18	0.19	1.00	0.18	0.19	1.00	0.18	0.19
17	1.00	0.19	0.19	1.00	0.19	0.19	1.00	0.19	0.19	1.00	0.19	0.19
17	1.00	0.19	0.20	1.00	0.19	0.20	1.00	0.19	0.20	1.00	0.19	0.20
19	1.00	0.19	0.21	1.00	0.19	0.21	1.00	0.19	0.21	1.00	0.19	0.21
20	1.00	0.19	0.22	1.00	0.19	0.22	1.00	0.19	0.22	1.00	0.19	0.22

**Tabela A.1:** Exemplo de tabela.

# Referências Bibliográficas

- Bakun e Wentworth (1999)** W. H. Bakun e C. M. Wentworth. Estimating earthquake location and magnitude from seismic intensity data. *Bulletin of the Seismological Society of America*, 89(2):557–557. URL <http://www.bssaonline.org/content/89/2/557.short>. Citado na pág. 10
- Frankel (1995)** Arthur Frankel. Mapping seismic hazard in the central and eastern United States. *Seismological Research Letters*, 66(4):8–21. URL <http://srl.geoscienceworld.org/content/66/4/8.short>. Citado na pág. 1
- Gutenberg e Richter (1954)** Beno Gutenberg e Charles F. Richter. *Seismicity of the Earth and associated phenomena*. Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 2nd ed. Citado na pág. 11
- Helmstetter e Werner (2012)** Agnès Helmstetter e Maximilian J. Werner. Adaptive spatiotemporal smoothing of seismicity for long-term earthquake forecasts in California. *Bulletin of the Seismological Society of America*, 102(6):2518–2529. URL <http://www.bssaonline.org/content/102/6/2518.short>. Citado na pág. 1
- Kagan (2002)** Yan Y. Kagan. Seismic moment distribution revisited: I. statistical results. *Geophysical Journal International*, 148(3):520–541. ISSN 1365-246X. doi: 10.1046/j.1365-246x.2002.01594.x. URL <http://dx.doi.org/10.1046/j.1365-246x.2002.01594.x>. Citado na pág. 12
- Lowman Jr. e Montgomery (1998)** Paul Lowman Jr. e Brian Montgomery. Digital world tectonic activity map (dtam), 1998. URL <http://denali.gsfc.nasa.gov/dtam/seismic/>. Citado na pág. 3
- Richter (1958)** C. Richter. *Elementary Seismology*. A Series of books in geology. W. H. Freeman. URL <http://books.google.com.br/books?id=rtYSAQAAIAAJ>. Citado na pág. 9
- Richter (1935)** Charles F. Richter. An instrumental earthquake magnitude scale. *Bulletin of the Seismological Society of America*, 25(1):1–32. URL <http://www.bssaonline.org/content/25/1/1.short>. Citado na pág. 8
- team (2010)** OpenSHA team. Área de ruptura em um falhamento geológico., 2010. URL [http://www.opensha.org/sites/opensha.org/files/rupture\\_surface\\_lg.png](http://www.opensha.org/sites/opensha.org/files/rupture_surface_lg.png). Citado na pág. 8
- USGS (1996)** USGS. Lithospheric plates cartography illustration, 1996. URL [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Placas\\_tect2\\_pt\\_BR.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Placas_tect2_pt_BR.svg). Citado na pág. 4
- Vigil (1997)** Jose Vigil. A cross section illustrating the main types of plate boundaries., 1997. URL <http://pubs.usgs.gov/gip/earthq1/fig13.gif>. Wall map produced jointly by USGS, the Smithsonian Institution, and the U.S. Naval Research Laboratory. Citado na pág. 5

**Woessner *et al.* (2010)** J. Woessner, J. Hardebeck e E. Hauksson. What is an instrumental seismicity catalog. doi: 10.5078/corssa-38784307. URL [http://www.corssa.ethz.ch/articles/themeiv/woessner\\_et\\_al/woessner\\_et\\_al.pdf](http://www.corssa.ethz.ch/articles/themeiv/woessner_et_al/woessner_et_al.pdf). Citado na pág. 10, 11

**Woo (1996)** Gordon Woo. Kernel estimation methods for seismic hazard area source modeling. *Bulletin of the Seismological Society of America*, 86(2):353–362. URL <http://www.bssaonline.org/content/86/2/353.short>. Citado na pág. 1

# Glossário

**astenosfera** região dúctil entre a **litosfera** e o **manto terrestre**, com profundidades que variam de 60 a 700km. [4](#)

**atividade sísmica** frequêcia de ocorrência de **terremotos**. [4, 5, 37](#)

**crosta terrestre** parte superficial, rígida e mais externa do planeta Terra. [37, 38](#)

**epicentro** projeção ortogonal, sobre a superfície, do **hipocentro**. [6](#)

**fonte sísmica** estrutura geológica capaz de produzir tremores de terra. [19, 38](#)

**fonte sísmica pontual** representação geométrica por um ponto, de uma fonte sísmica. [19](#)

**função de kernel** funções n-dimensionais, cuja integral em todo o domínio resulta em 1, podendo ser usadas como estimativas para funções de densidade de probabilidade. [19](#)

**GMPE** Equação de predição do movimento do chão. [13, 16](#)

**hipocentro** representação geométrica do ponto no espaço, onde se iniciou o processo de ruptura da **crosta terrestre**. [6, 8, 37](#)

**litosfera** região rúptil, mais externa do planeta, formada pela **crosta terrestre** (continental e oceânica) e parte do **manto terrestre** superior, com aproximadamente 60km de profundidade. [4, 37](#)

**manto terrestre** material da porção intermediária do planeta, fluido em tempo geológico. [4, 37, 38](#)

**placa litosférica** placa de material da **litosfera**. [4, 5](#)

**processo de ruptura** processo que envolve o rompimento de uma região da crosta, o deslocamento relativo entre essas regiões, e consequantemente, a liberação de uma grande quantidade de energia, de forma praticamente instantânea, tomando-se como referênciia o **tempo geológico**. [37](#)

**sismicidade** ocorrência dos tremores. [39](#)

**sismotectônica** o estudo das relações entre os **terremotos** e a **tectônica** recente de uma região. Procuram compreender exatamente quais mecanismos de ruptura da geologia são responsáveis pela **atividade sísmica** em uma certa área, analisando, de forma combinada, registros recentes de tectonismo regional e considerando também evidências históricas e geomorfológicas. [5, 39](#)

**taxa de sismicidade** taxa com que terremotos são produzidos por determinada [fonte sísmica](#). [14, 19](#)

**tectônica** disciplina científica focada nos processos responsáveis pela criação e transformação das estruturas geológicas da Terra e de outros planetas.. [3, 5, 37–39](#)

**tempo geológico** escala de tempo que vai desde a formação do universo até os tempos atuais, englobando a formação do planeta e as transformações ocorridas desde então. [37](#)

**teoria tectônica das placas** foi uma teoria revolucionária para a [tectônica](#), propondo que a [crosta terrestre](#) terrestre estivesse dividida em placas à deriva sobre o [manto terrestre](#). [4, 39](#)

**terremoto** ruptura de alguma estrutura geológica. [3, 5, 6, 37, 39](#)

Técnicas de suavização aplicadas à caracterização de fontes sísmicas e à análise probabilística de ameaça sísmica. [i–iii](#)

**técnicas de suavização** consiste em capturar importantes feições do conjunto de dados, eliminando ruídos e outras estruturas de curto comprimento de onda presentes nos dados. [19](#)

# Índice Remissivo

- Teoria tectônica das placas
  - bordas, 4
  - interior, 5
- Tectônica
  - Teoria tectônica das placas, 4
  - área do trabalho
    - fundamentos, 45, 47, 48
  - função de densidade de probabilidade, 6
  - função de massa de probabilidade, 6
  - terremoto
    - ocorrência, 8
- PSHA, 44
  - desagregação, 44
  - identificação das fontes, 17
- tectônica, 3
  - sismotectônica, 5
  - América do Sul, 19
  - sismicidade, 21
  - Brasil, 22
- ameaça sísmica, 15
- cálculo da ameaça, 18
- caracterização da MFD, 18
- caracterização da distribuição de distâncias, 18
- catálogos, 10
- Conjunto de Dados, 39
  - BSB, 39
  - ISC-GEM, 39
- declustering, 42
- Ferramentas, 39
  - programas, 40
- ferramentas
  - bibliotecas, 41
- fonte sísmica
  - área, 17
  - falla complexa, 18
  - falla simples, 18
- ponto, 17
- Frankel, 1995, 33
- genoma
  - projetos, 2
- Gutenberg-Richter MFD, 11
- hemlstetter, 2012, 34
- histograma, 6
- Implementações e novos códigos , 41
- instensidade macrossísmica, 9
- Linguagens de Programação, 40
- magnitude, 8
  - momento sísmico, 9
  - Richter, 8
- Magnitude de Completude, 43
- magnitude de completude, 14
- magnitudes
  - conversão, 42
- MFD, 11
  - MFD com decaimento exponencial, 12
  - MFD Limitada, 12
  - MFD Truncada, 12
- pós-processamento, 44
- pré-processamento, 41
- pre-processamento
  - controle de qualidade, 41
  - predição do movimento do chão, 18
  - probabilidade, 6
- processamento
  - Frankel, 43
  - Helmstetter, 44
  - Woo, 43
- processo de Poisson, 7
- projecção de ocorrência de rupturas, 16
- PSHA, Análise Probabilística de Ameaça Sísmica, 16
- remoção de agrupamentos, 42

- Risco Sísmico, 15
- sismicidade, 7
- Sismicidade do Brasil, 23
- Amazonas, 27
  - centro-norte, 24, 25
  - extremo-oeste, 26
  - nordeste, 28
  - sul, sudeste e litoral leste, 24
- software, 40
- suavização
- fundamentos, metodologia, 31
- taxa de sismicidade, 14
- Tipologia e Representação Geométrica, 17
- valor-a, 14
- valor-b, 13
- Woo, 1996, 33